

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
*CAMPUS SERTÃO*  
CURSO DE LETRAS

MARIA DA SAÚDE BARROS NASCIMENTO

**A NOTÍCIA *ON-LINE* DA “SITUAÇÃO DE EMERGÊNCIA” PROVOCADA PELA  
SECA EM ALAGOAS: REALIDADE CRIADA E ASPECTOS SILENCIADOS**

DELMIRO GOUVEIA – AL  
2018

MARIA DA SAÚDE BARROS NASCIMENTO

**A NOTÍCIA *ON-LINE* DA “SITUAÇÃO DE EMERGÊNCIA” PROVOCADA PELA  
SECA EM ALAGOAS: REALIDADE CRIADA E ASPECTOS SILENCIADOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como requisito  
parcial para obtenção do título de Graduação em Letras-  
Português.

Orientador: Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho.

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca do Campus Sertão**  
**Sede Delmiro Gouveia**  
Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza – CRE-4/2209

N244n Nascimento, Maria da Saúde Barros

A notícia on-line da “situação de emergência” provocada pela seca em Alagoas: realidade criada e aspectos silenciados / Maria da Saúde Barros Nascimento. – 2019.

70 f : il.

Orientação: Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho.

Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2019.

1. Linguística aplicada. 2. Análise linguístico-enunciativa.  
3. Análise do discurso. 4. Alagoas - Brasil. 5. Seca. 6. Nordeste.  
I. Título.

CDU: 81'286

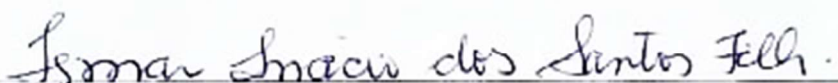
MARIA DA SAÚDE BARROS NASCIMENTO

A NOTÍCIA DA "SITUAÇÃO DE EMERGÊNCIA" PROVOCADA PELA SECA EM  
ALAGOAS: REALIDADE CRIADA E ASPECTOS SILENCIADOS

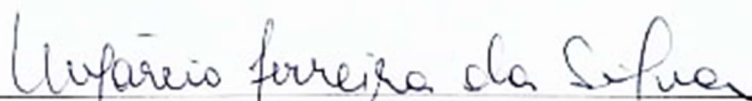
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal de Alagoas (UFAL),  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Graduação em Letras-Português.

Local: Delmiro Gouveia (AL), 18 de dezembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho – Letras-UFAL-Campus do Sertão  
Professor orientador



Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva-UFAL-Campus do Sertão  
Professor avaliador interno



Prof. Esp. Daniel Alves dos Santos – PROHS-UFS  
Professor avaliador externo

À Deus, que iluminou o meu caminho durante esse percurso.

À minha mãe, Edma Lima, e a toda minha família, que sempre acreditou nos meus sonhos e por estar sempre me apoiando.

Ao professor e orientador Doutor Ismar Inácio dos Santos Filho, pela paciência na orientação e incentivo, que tornaram possível a conclusão deste trabalho.

A todo(a)s o(a)s amigo(a)s e colegas, pelo incentivo e apoio constantes.

A todos os professores e a todas as professoras do curso, pois foram importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento deste trabalho.

Ao projeto Pibic-CNPQ, pelo fomento à pesquisa.

À Universidade Federal de Alagoas (Campus do Sertão), pela oportunidade de fazer o curso.

A todo(a)s o(a)s colegas da turma de Letras-2014.

Não posso deixar de agradecer as minhas companheiras e amigas do GELASAL, Nadine Dantas, Rakel Teodoro, Daiana Sanderay e Beatriz de Lima. Obrigado pelo incentivo e apoio constantes. Esse TCC também é de vocês!

Agradeço ao meu namorado, Augusto Santos, que jamais me negou apoio, carinho e incentivo.

Aos amigos e amigas Ataniel Silva, Cidilaine Carvalho, Jeane Santos, Judite Braz, Quitéria Carvalho, Maria do Rosário, Socorro Ariel, grandes amigo(a)s que nunca negaram apoio durante a minha trajetória acadêmica.

*(...) Nossas verdades são só possibilidades de tratar certas questões - e são efêmeras” (MOITA LOPES, 2004, p. 161).*

## RESUMO

O Nordeste é conhecido discursivamente por ser a região da seca, sem desenvolvimento, das pessoas pobres, sofridas, sendo visto, dessa maneira, por um viés da estereotipia, tendo a seca como principal mote para que esse discurso seja mantido. Nesse sentido, é necessário entender quais os discursos a esse respeito circulam socialmente. Nessa empreitada, entendemos que, segundo Molion (2016), a seca no Nordeste não é ocasional, mas um fenômeno histórico que precisa ser entendido como sendo um dado climático dessa região. Nessa linha de raciocínio, Albuquerque Jr. (1988; 2011) também entende a seca como sendo um fenômeno climático, um *déficit hídrico*, sobre o qual vem sendo impressos significados que se atrelam às relações de poder. Partindo dessas compreensões, entendemos que é necessário um olhar não apenas geomorfológico e histórico sobre esse fenômeno, mas um olhar também para os efeitos de sentido que as práticas discursivas constroem sobre a seca. Nessa perspectiva, a análise linguístico-discursiva sobre esse fenômeno se faz importante para compreendermos quais os discursos circulam e que sentidos são forjados, nesse caso em específico a análise do gênero discursivo “notícia de jornal” que circula em Alagoas. Para a análise, passamos a compreender a língua por uma perspectiva transversal, compreendendo a prática social na perspectiva da Linguística Aplicada, entendendo a seca, portanto, como fenômeno da natureza sobre o qual é forjada uma construção histórico-discursiva, necessitando, assim, um estudo por um viés indisciplinar. Essa pesquisa faz parte do estudo realizado no projeto “A construção enunciativo-discursiva da seca em Alagoas”, vinculado ao PIBIC 2017-2018, dentro do Grupo de Estudos em Linguística Aplicada em Questões do Sertão Alagoano (GELASAL). Assim, tivemos como objetivo principal compreender o discurso sobre a seca em Alagoas construído em notícias de jornais, percebendo se esses são de convivência com o semiárido ou apenas de enfrentamento da seca. Dessa maneira, serviram de base teórico-metodológica Albuquerque Jr. (1988; 2011; 2017); Bakhtin/Volochínov (2004 [1929]); Bazerman (2015); Campos (2014); Bortoni-Ricardo (2008); Charaudeau (2006); Molion (2016), Moita Lopes (1996; 2004; 2006; 2009; 2010; 2013); Morin (2003; 2008); Santos Filho (2012), entre outros. Após as análises, compreendemos que o discurso que se repete nas notícias analisadas é o discurso que coloca a seca como culpada dos problemas vividos pela população sertaneja, nordestina, precisando, portanto, ser enfrentada, combatida, e não um discurso de convivência. Logo, trata-se de um discurso político que não compreende a seca como sendo um fenômeno natural da região, já que se trata de uma região semiárida, em que ocorre um *déficit hídrico*, sendo, dessa maneira, a seca um clima natural da região que necessita de políticas públicas para se conviver com ela.

**Palavras-chaves:** Discurso; Enunciação; Nordeste; Políticas Públicas; Seca.



## ABSTRACT

The Northeast is known discursively as the region of drought, without development, of the poor, suffering people, being thus seen by a bias of stereotypy, with drought as the main motto for this discourse to be maintained. In this sense, it is necessary to understand which discourses in this regard circulate socially. In this work, we understand that, according to Molion (2016), the drought in the Northeast is not an occasional phenomenon, but a historical phenomenon that must be understood as being a climatic data of that region. In this reasoning, Albuquerque Jr. (1988; 2011) also understands drought as a climatic phenomenon, a water deficit, on which meanings that bind to power relations are being printed. Based on these understandings, we understand that it is necessary not only a geomorphological and historical perspective on this phenomenon, but also a look at the effects of meaning that the discursive practices build on the drought. In this perspective, the linguistic-discursive analysis on this phenomenon becomes important to understand which discourses circulate and which meanings are forged, in this case in particular the analysis of the discursive genre "newspaper news" that circulates in Alagoas. For the analysis, we understand the language through a transversal perspective, understanding the social practice in the perspective of Applied Linguistics, understanding the drought, therefore, as a phenomenon of nature on which a historical-discursive construction is forged, thus necessitating a study by an undisciplined approach. This research is part of the study carried out in the project "The enunciative-discursive construction of the drought in Alagoas", linked to PIBIC 2017-2018, within the Grupo de Estudos em Linguística Aplicada em Questões do Sertão Alagoano (GELASAL). Thus, we had as main objective to understand the discourse on the drought in Alagoas built in newspaper news, realizing if these are of coexistence with the semiarid or just facing the drought. In this way, they served as theoretical-methodological basis Albuquerque Jr. (1988, 2011, 2017); Bakhtin / Volochinov (2004 [1929]); Bazerman (2015); Campus (2014); Bortoni-Ricardo (2008); Charaudeau (2006); Molion (2016), Moita Lopes (1996, 2004, 2006, 2009, 2010, 2013); Morin (2003; 2008); Santos Filho (2012), among others. After the analysis, we understand that the discourse that is repeated in the analyzed news is the discourse that places the drought as guilty of the problems lived by the population of the sertão, northeastern, needing, therefore, to be faced, opposed, and not a discourse of coexistence. Therefore, it is a political discourse that does not understand drought as a natural phenomenon of the region, since it is a semi-arid region, where there is a water deficit, and drought is thus a natural climate of the region which needs public policies to live with it.

**Keywords:** Discourse; Enunciation; Northeast; Public policy; Drought.

## LISTA DAS FIGURAS

Figura 01	Notícia sobre situação de emergência em Alagoas.....	26
Figura 02	Divisão do mapa do Brasil de 1534 a 1990 .....	32
Figura 03	Mapa do clima da região Nordeste.....	34
Figura 04	Notícia referente a prejuízos com a seca em Alagoas .....	48
Figura 05:	Notícia sobre investimento do governo para combate à seca em Alagoas em 2015..	49
Figura 06	Notícia sobre o reconhecimento da situação de emergência em Alagoas .....	50
Figura 07:	Quadro de classificação da intensidade da seca.....	52
Figura 08	Imagem de mapa de monitoramento de secas, em 2016 .....	53
Figura 09	Notícia sobre o decreto da situação de emergência em Alagoas pelo governo estadual.....	56
Figura 10	Notícia de reconhecimento da situação de emergência em Alagoas, em 2017 .....	58
Figura 11	Notícia sobre retomada do programa operação pipa .....	59
Figura 12	Notícia sobre emergência pela seca .....	61
Figura 13	Quadro de notícias sobre a seca em Alagoas, de 2009 a 2018 .....	62
Figura 14	Quadro com fotos de propaganda do governo sobre políticas públicas para o sertão em 28 de junho 2018 .....	64

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>SITUANDO O CAMPO DA PESQUISA: LINGUÍSTICA APLICADA.....</b>	<b>15</b>
2.1	O que é fazer pesquisa em linguística?.....	15
2.2	Linguística Aplicada.....	22
2.3	Por uma “etnolinguística da fala viva” .....	28
<b>3</b>	<b>A SECA E O NORDESTE.....</b>	<b>30</b>
3.1	“A invenção do Nordeste”.....	30
3.2	Seca: mito ou verdade? .....	33
3.3	A seca e o perigo de uma história única.....	35
3.4	Políticas públicas no semiárido .....	39
<b>4</b>	<b>UMA ANÁLISE LINGUÍSTICO-ENUNCIATIVA SOBRE A SECA NA NOTÍCIA.....</b>	<b>42</b>
4.1	A esfera midiática.....	42
4.2	O gênero discursivo notícia.....	45
4.3	A seca em pauta: “situação de emergência” .....	46
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>63</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>65</b>

## CAPÍTULO 01 INTRODUÇÃO

**I**niciei o curso de Letras-Português, na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), em 2014. No entanto, não digo que sempre foi meu sonho fazer esse curso. Na verdade, nunca me imaginei ingressando em uma universidade, principalmente em uma localizada no Sertão Alagoano. Recordo-me de uma situação, na época em que ainda estudava no Ensino Médio: certa vez, acompanhada de uma amiga minha, que é professora, no período em que a UFAL-Campus do Sertão ainda estava em processo de construção, ao passarmos em frente ao prédio, localizado próximo à rodovia que dá acesso à cidade de Delmiro Gouveia, comentamos sobre a construção de uma instituição de ensino superior em pleno sertão alagoano. Na situação, minha amiga falou que um dia eu ainda estudaria naquela universidade. Mas, respondi que isso dificilmente aconteceria. Nunca esquecerei desse momento, principalmente porque hoje estou aqui apresentando minha pesquisa de conclusão de curso.

Durante a minha experiência na Universidade, tive a oportunidade de cursar a disciplina “Linguística Aplicada” (doravante LA), ministrada pelo professor Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho. Até aquele momento, tinha dúvidas em que área eu realizaria a minha pesquisa de conclusão de curso, mas, ali fui despertada para a pesquisa nessa área. Já sabia em qual área realizar a pesquisa, mas o objeto ainda não estava definido. Essa escolha do objeto veio quando o referido professor me convidou para fazer parte do projeto de pesquisa “A construção enunciativo-discursiva da seca em Alagoas”<sup>1</sup>. O objetivo da pesquisa dentro desse Grupo foi o de analisar a construção/invenção linguístico-discursivo da região Nordeste, do Sertão, do Semiárido.

Nesse sentido, com o Grupo, compreendi que sempre que alguém fala do Nordeste, do sertão, do semiárido, logo surge no pensamento uma ideia de lugar seco, sem vida, atrasado, isso porque essa região é conhecida por ser a região da seca, seguindo uma matriz discursiva fundada no século XIX, a partir da seca de 1877-1879, a partir da qual o Nordeste foi inventado, conforme argumenta Albuquerque Júnior (2011). Sobre essa região, Molion (2016) explica que a seca faz parte do clima da região Nordeste, que, sendo uma região semiárida, tem *um déficit hídrico*, sendo assim, dependendo da área da região, chove da ordem de 500mm a 800mm, enquanto a demanda de evaporação é da faixa de 2.500 mm. Desse modo, argumenta que é preciso políticas públicas de convivência com a seca. Segundo esse meteorologista, existem

---

<sup>1</sup> Projeto pertencente ao “Grupo de Estudos em Linguística Aplicada em Questões do Sertão alagoano” (GELASAL), vinculado ao PIBIC 2017-2018, no qual fui bolsistas (CNPq).

outras regiões que também têm o clima semiárido, em algumas até piores, mas que não são comentados, porque em muitas já se realizaram políticas públicas para conviver bem com esse clima.

Albuquerque Júnior (2011) também se refere à seca como um fenômeno climático sobre o qual historicamente vem sido impressos significados estereotipados que têm a seca como o grande mote pelo qual essa estereotipa é mantida. Mas que discursos realmente circulam sobre esse fenômeno nos diferentes gêneros discursivos? Tentando responder a essa pergunta, escolhi como *corpus* de pesquisa algumas “notícias de jornais” que trazem manchetes tais como “União reconhece **situação de emergência** em 40 municípios de AL” e “Governo de AL decreta **emergência** por conta da seca em 77 cidades”, nas quais procuro compreender que discursos circulam e que sentidos são forjados sobre esse fenômeno, se são discursos de convivência com a seca ou de enfrentamento a ela, a partir da leitura em perspectiva transversal, entendendo a língua como uma atividade política.

Durante o período de pesquisa foram executadas algumas das etapas previstas para o alcance do objetivo geral, quais sejam, compreender o discurso sobre a seca construído em notícias de jornais alagoanos; como a pesquisa tem como objeto de estudo o discurso da seca, foi importante perceber o que é a seca, sendo necessário buscar conhecimento na Geografia para situar a seca como fenômeno climático e histórico. Sendo assim, utilizei como base teórica a esse respeito as discussões do meteorologista Molion (2016).

Entender como essa região, hoje chamada de Nordeste, veio a existir foi de suma importância. Para ter embasamento teórico, estudei alguns textos de Albuquerque Junior (2011), como, por exemplo, o livro “A invenção do Nordeste e outras artes”, em que ele discute sobre como o Nordeste foi construído através de discursos estereotipados, além de palestras em vídeos em que o historiador discute a temática. Além disso, selecionei algumas notícias que tem como referente a seca; realizei estudos sobre a esfera jornalística; por fim, analisei o discurso construído acerca da seca em notícias, reflexão apresentada no último capítulo desse trabalho.

Para a realização da pesquisa, inicialmente, foram realizados estudos acerca dos conceitos e procedimentos referentes à “etnolinguística da fala viva”, que deu base à construção do *corpus* analisado e, do mesmo modo, à análise. Fez-se também importante estudos da compreensão bakhtiniana de “esferas de comunicação” e de “gêneros discursivos”, favorecendo, assim, à construção e a análise dos enunciados sobre a seca. A análise se deu pelo viés da leitura enunciativo-discursiva em perspectiva transversal, que solicita a compreensão histórica do tratamento discursivo dado à seca e às questões políticas implicadas. Nesse viés

transversal, foi imprescindível o estudo sobre a esfera jornalística e sobre notícias, no qual tomo como base teórica Hernandez (2017) e Charaudeau (2006).

Ao fazer a análise, focalizo, como já mencionei, na área da LA, que se filia ao modelo interpretativista de fazer pesquisa, interessando-se em analisar os discursos para interpretar como as práticas sociais constroem as práticas discursivas, assim também como as práticas discursivas constroem as práticas sociais, mobilizando, desse modo, a leitura enunciativo-discursiva, na qual se entende o texto como um enunciado que envolve um sujeito que fala para um “outro”. Na leitura enunciativo-discursiva, procurei respostas para questões como: Quem produziu o texto? Para quem foi produzido? Qual o papel social? Que noção acerca de seca é construída pelas notícias? Quais significados a respeito de sertão, semiárido e Nordeste são construídos? O discurso da seca e do homem pobre do campo visto partir da seca de 1877 ainda se mantém nos dias atuais?, entre outras.

Nesse momento da discussão e escrita, pego-me refletindo sobre o que os leitores ou leitoras dessa pesquisa estão pensando a respeito de minha escolha em escrever em primeira pessoa, já que se trata de um trabalho científico. Então, cabe aqui uma explicação. Como mencionei, essa pesquisa está localizada na área da LA, e Moita Lopes (2004), ao se referir ao processo de pesquisa, diz que esse processo não pode existir sem que haja um envolvimento do pesquisador, uma vez, que esse tem um "corpo, raça, desejo, classe social, etc., enfim, tem história" (MOITA LOPES, 2004, p. 166).

Além disso, durante as aulas de Projeto Integrador 7<sup>2</sup>, um dos componentes curriculares obrigatório do curso, tive a oportunidade de discutir sobre escrita de pesquisa, uma vez que o objetivo dessa disciplina era refletir sobre o papel do pesquisador, discutindo a relação teoria e prática de pesquisa, refletindo sobre essa relação do pesquisador com suas vivências e experiências. Nesse, compreendi que é preciso estabelecer um diálogo entre saberes da Universidade, da comunidade e do cotidiano dessa comunidade. Então, percebi que isso tinha tudo a ver com o meu trabalho, já que sou uma nordestina, alagoana, sertaneja pesquisando sobre como os discursos constroem essa região e sua população.

Explicado minha escolha por escrever em primeira pessoa, volto a falar da pesquisa realizada, enfatizando a relevância desse trabalho, visto que possibilita a ampliação de uma postura proativa e capacidade para lidar de forma crítica com os usos da linguagem, percebendo que através da linguagem é que se constrói o mundo, e não ao contrário, além de construir novos olhares para a territorialidade. É importante também, pois, como graduanda, possibilita ir além

---

<sup>2</sup> Ministrada pela professora substituta Mestre Cristian Sales.

de só estudar conceitos, teoria, possibilitando a prática da pesquisa, refletindo, assim, sobre os “objetos empíricos”.

Esse trabalho está dividido em quatro capítulos. No Capítulo 01, abordo como foi minha experiência ao ingressar na Universidade, como “encontrei”, ou produzi, meu objeto de pesquisa, comento sobre minha escolha em escrever em primeira pessoa, argumento acerca do objeto a ser estudado e apresento a área e a metodologia a serem utilizadas.

No Capítulo 02, abordo um pouco sobre os estudos linguísticos, de modo a perceber como se deram as mudanças nos modos de fazer pesquisa a partir do século XX e discuto acerca da necessidade de se (re)pensar a forma de se produzir pesquisa nessa área, trazendo, dessa maneira, a área da LA. Apresento a LA como uma área no modelo interpretativista de fazer pesquisa, aquele que leva em consideração o social e não apenas o sistema da língua. Argumento também sobre a metodologia a ser utilizada, “a etnolinguística da fala viva”. Sobre essa abordagem metodológica, tomo como bases teóricas Moita Lopes (1996, 2004, 2009, 2010, 2013), Bakhtin/Volochínov ([1929] 2004), Bazerman (2015), Santos Filho (2012), entre outros.

No Capítulo 03, apresento um histórico da seca e da região Nordeste, argumentando como os discursos sobre seca e Nordeste estão imbricados no imaginário das pessoas, fazendo, assim, um percurso sobre como surgiu essa região e como a seca está atrelada a essa invenção. Explico como essa invenção está atrelada ao discurso da estereotipia e o quanto esse discurso é perigoso. Apresento um percurso das políticas públicas de secas, enfatizando sua necessidade e sua importância para a mudança de visão em relação a esse fenômeno climático. Para esse capítulo, mobilizo Albuquerque Jr. (1988; 2011; 2017); Campos (2014), Molion (2016), e outros.

O Capítulo 04 é o de análise, no qual primeiramente reflito sobre a esfera midiática, demonstrando que existe um contrato que estabelece a relação entre o jornal e seu público alvo. Logo depois, esclareço especificamente o gênero discursivo a ser analisado, o gênero notícia de jornal, enfatizando suas características e funcionalidade. Em seguida, faço a análise do *corpus*, mobilizando para isso Hernandes (2017), Charaudeau (2006), Benassi (2009), dentre outros. Faço diálogo com todo o aporte teórico discutido nos capítulos anteriores.

Por fim, as considerações finais, momento no qual volto a falar sobre o objetivo da pesquisa e quais as minhas compreensões acerca das notícias analisadas. Chego, dessa forma, à conclusão de que as notícias configuram uma cadeia de enunciados na qual é percebido o discurso que coloca a seca como culpada pelos problemas, precisando, assim, ser enfrentada, combatida, e não um discurso de convivência com o clima semiárido.

## CAPÍTULO 02 SITUANDO O CAMPO DA PESQUISA: LINGUÍSTICA APLICADA

*“(...) é tempo de repensar os percursos epistemológicos que têm nos orientado” (Moita Lopes, 2004, p. 16).*

**N**a Introdução desse trabalho comentei um pouco sobre minha opção em escrever em primeira pessoa e de como essa escolha é reflexo da área da pesquisa, a LA. Nesse segundo capítulo, aprofundarei um pouco mais a respeito desse posicionamento e da LA. Porém, antes disso, considero pertinente fazer uma retomada dos estudos linguísticos, trazendo algumas ressalvas de como se deram as mudanças nos modos de fazer pesquisa a partir do século XX e da necessidade de se (re)pensar a forma de se produzir pesquisa na área dos estudos linguísticos, já que minha escolha pela área não se deu de forma aleatória, sendo assim necessário uma reflexão sobre o que é a pesquisa.

### 2.1 O que é fazer pesquisa em linguística?

Para tentar responder à pergunta que dá título a esse tópico, é necessário entender a Linguística Moderna enquanto ciência da linguagem, essa que nasceu com Ferdinand de Saussure, com a publicação do livro “Curso de Linguística Geral” (CLG)<sup>3</sup>, publicado em 1916. O trabalho de Saussure foi importante porque, para ser considerado um estudo científico, como argumenta Mussalin (2008), é preciso que cada área da ciência delimite um campo de pesquisa, assim, também, procedimentos específicos que garantam sua especificidade, ou seja, qual o objeto de estudo vai ser observado. É exatamente essa a contribuição que Ferdinand de Saussure trouxe para a área dos estudos linguísticos, apontando o lugar e o objeto de estudo dessa área.

Com o “Curso de Linguística Geral”, Saussure coloca a Linguística em outro eixo de reflexões. Primeiramente, Saussure em seus estudos estabeleceu a ciência da linguagem. Ao fazer esse movimento, Saussure ao mesmo tempo está definindo um domínio para os estudos da linguística, a Semiologia<sup>4</sup>. Nas palavras do autor, “se, pela primeira vez, pudemos assinalar à linguística em um lugar entre as ciências, foi porque a relacionamos à Semiologia” (SAUSSURE, 2006, p. 24).

<sup>3</sup> Obra póstuma organizada por alunos que participaram de cursos que levaram esse nome e que foram ministrados por Ferdinand de Saussure, nos quais pregava um novo olhar sobre os estudos linguísticos.

<sup>4</sup> Ciência geral que se preocupa em estudar a vida dos signos no seio da vida social.



Mas, faz uma distinção entre linguagem, língua e fala. Para ele, a linguagem seria “a capacidade que o homem tem de comunicar-se com seus semelhantes por meio de signos verbais” (MUSSALIN, 2008, p.21), sendo que essa se divide em língua e fala. Ao fazer isso, Saussure exclui de seus estudos a fala, por considerá-la individual e heterogênea, e elege como objeto de estudo a língua, considerando-a social e homogênea, entendida como um sistema de signos, compreendidos como entidades psíquicas de duas faces: o significado (conceito) e o significante (imagem acústica). Esses, sendo psíquicos, estão unidos em nosso cérebro por um vínculo de associação.

Dessa forma, Saussure compreende que a língua é formada por um conjunto de elementos que se relacionam e formam cadeias. Sobre essa ideia de língua, Santos Filho (2012), em seu texto “Mais um pouco sobre Saussure” explica que Saussure, ao pensar a ideia de língua como sistema, entendida como um fato social, entendendo-a como algo que é imposta ao indivíduo quando ele nasce, está negando a língua como individual.

Com isso, a língua passa a ser estudada em si e por si, sem levar em consideração os aspectos sociais. Ou seja, preocupa-se apenas em estudar o que o mestre genebrino chama de signos linguísticos, se prendendo ao sistema da língua, que independe dos sujeitos para existir. Além disso, outro ponto a ser destacado é a escolha de Saussure por realizar um estudo sincrônico da língua, estudando a língua no momento atual.

Ao procurar compreender “as condições de vida da linguagem”, Saussure quer entender como funciona o sistema linguístico, quais as relações que os signos estabelecem uns com os outros. Assim, outra dicotomia que ele apresenta é a das relações entre os eixos sintagmáticos e paradigmáticos, sendo que esses domínios estabelecem relações de combinação e seleção respectivamente. Como explica Santos Filho (2012),

(...) o sistema tem um padrão definido que permite selecionar um elemento (e não outro, ou em substituição a outro) para compor cadeia, visto que, para ele, o sistema não possibilita simultaneidade de signos. A seleção de signo – a relação paradigmática – em sentido vertical, dá-se através de três modos: i) pelo significado, tal como sinônimo e antônimo; ii) pelo significante (imagens acústicas semelhantes), e iii) por processos morfológicos comuns. (SAUSSURE (2006 [1916]) *apud* SANTOS FILHO, 2012, p. 14).

A perspectiva saussuriana, dessa maneira, era fazer descrição sincrônica, explicando as relações entre os signos, pois, segundo Saussure, a língua deve ser estudada no momento atual, pois, só assim ela pode ser descrita, através do seu estado sincrônico, em determinado espaço de tempo. Dessa forma, Saussure separa o que é interno e externo à língua.

Assim, como diz Geraldi, “inspirada numa vontade de verdade científica, a Linguística se associou às metodologias próprias das ciências duras, especialmente à matemática (...)” (GERALDI, 2010, p. 52), isto é, a Linguística, por esse ponto de vista, se associa ao modelo de se fazer pesquisa positivista, que começou a se estruturar a partir do século XIX com Augusto Comte. Nesse modelo, o pesquisador “privilegia a razão analítica, buscando explicações causais por meio de relações lineares entre fenômenos” (BORTONI-RICANDO, 1945, p.13). Dessa maneira, elabora hipóteses e teorias para explicar a realidade, testando tais hipóteses. É um modelo mais quantitativo, pois procura quantificar para generalizar. Nesse modelo, “só a experiência pessoal através da observação direta do fato a ser estudado é possível” (MOITA LOPES, 1994, p. 331), ou seja, nesse modelo o pesquisador deve observar a realidade de maneira objetiva, através de métodos rigorosos e sistemáticos, havendo, dessa maneira, uma padronização do objeto estudado.

Além disso, “as categorias postuladas devem ser livres de contexto, isto é, independentes das crenças e valores do próprio sujeito cognoscente e de sua comunidade” (BORTONI-RICARDO, 2008, p.15). Contém, assim, um *corpus* grande. Estuda a língua em si e por si, buscando a resposta da pesquisa na própria estrutura interna da língua, sem a necessidade de utilizar aspectos do social. Nesse modelo de se fazer pesquisa, acredita-se que o pesquisador não se envolve na pesquisa. Mas, cabe aqui um questionamento: há realmente essa neutralidade do pesquisador na pesquisa que realiza?

Antes de responder essa pergunta, é importante ressaltar que durante esses 102 anos da publicação do Curso de Linguística Geral outras abordagens que procuravam estudar a língua para além do seu sistema, se preocupando com o contexto social, como os estudos sociolinguísticos e enunciativos sugeriram. Filio-me a essa segunda abordagem para realizar a pesquisa, explicada mais adiante. Mas e por que essas mudanças ocorrem? Isso acontece porque a sociedade vive em constante processo de desenvolvimento. A esse respeito, Moita Lopes (2004, p.161) afirma que “a capacidade de reinvenção é crucial no mundo da pesquisa”, porque, assim como a sociedade vem passando por transformações sociais, políticas e culturais, os estudos linguísticos também devem acompanhar essas mudanças. Nesse sentido, concordo com Moita Lopes quando ele argumenta que,

(...) se a área de estudos linguísticos quer produzir conhecimento que tenha alguma relação com o modo como as pessoas agem e vivem nas práticas sociais, mudanças relacionadas à vida política, sociocultural e histórica que estamos experimentando devem diretamente afetar a pesquisa que fazemos e, por conseguinte, os modos de entender as metodologias e as teorizações que nos inspiram (MOITA LOPES, 2004, p.162).

Nessa perspectiva, cabe aqui pensar um modelo de pesquisa que não negligencie o contexto sócio-histórico. Segundo Bortoni-Ricardo (2008), esse modelo alternativo começou a ser pensado no início dos anos 1920, com alguns pensadores como Theodor Adorno (1903-1969) e Jurgen Habermas, que fizeram as primeiras críticas ao paradigma positivista. Esse novo paradigma passa a ser chamado de paradigma interpretativista, que, como o nome já diz, é um modelo que busca interpretar, focalizando a linguagem. Como afirma Moita Lopes (1994, p. 331), “na posição interpretativista não é possível ignorar a visão dos participantes do mundo social caso se pretenda investigá-lo, já que é esta que o determina: o mundo social é tomado como existindo na dependência do homem”.

A esse respeito, Bakhtin/Volochínov (2004 [1929] *apud* Santos Filho, 2012) explica que não é possível fazer ciência desconectada da vida, pois segundo eles, isso pode levar o pesquisador a perder a “essência” do objeto estudado. Nesse sentido, explica que o estudo linguístico não deve se prender ao sistema, mas deve, sim, se preocupar com o estudo do *fato linguístico*, sendo que esse é configurado entre sujeitos situados em um contexto social imediato, preocupados com o sentido e com a ideologia.

Porém, cabe ressaltar que ao realizar uma pesquisa por um viés interpretativista, não significa, no entanto, que se deixa de lado totalmente o trabalho com a descrição, pelo contrário, na análise é necessário observar e descrever os usos linguísticos para depois interpretá-los, procurando saber o porquê de determinadas escolhas linguístico-enunciativos e não outras. A esse respeito, Moita Lopes (2006) ao se referir à LA, área que segue o modelo interpretativista, diz:

(...) o que as novas orientações em LA aqui discutidas propõem não é, em absoluto, o abandono da fecunda teorização ou do rico ferramental analítico e descritivo produzido por essas áreas; ao contrário, nos convidam a utilizações desses construtos em contínua experimentação nos jogos de verdade, desconfiando da formação de sistemas explicativos coesos, desestabilizando conceitos naturalizados e desprendendo-se de consensos tranquilizadores (MOITA LOPES, 2006, p. 58).

No meu caso, na minha pesquisa, procurei observar e analisar as escolhas linguístico-discursivas nas notícias de jornais, que trazem manchetes tais como “Governo de AL decreta **emergência** por conta da seca em 77 cidades”, nas quais procurei compreender que discursos circulam e que sentidos são forjados sobre o fenômeno da seca, se são discursos de convivência com a seca ou de enfrentamento a ela, visto que compreendo que a região hoje chamada de Nordeste é, na verdade, uma construção linguístico-discursiva, realizada a partir de discursos

estereotipados que constroem não só o Nordeste, mas também seus habitantes, tendo como grande mote para essa construção o fenômeno da seca.

Ao analisar meu objeto de estudo, trato o texto como um enunciado, situado, contextualizado e que pertence a uma cultura, noções discutidas em Bakhtin/Volochínov (2004 [1929]), que compreendem a língua como um processo de interação em que envolve um enunciador e um coenunciador, visto que “o estudo da língua não pode se dar via uma ficção, mas a partir do entendimento de que o locutor serve-se da língua para as suas necessidades concretas” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004 [1929] *apud* SANTOS FILHO, 2012, p. 46-47). Para uma maior compreensão, retomarei esses conceitos no capítulo de análise.

Sobre o paradigma interpretativista, Bortoni-Ricardo (2008) diz que,

(...) não há como observar o mundo independente das práticas sociais e significados vigentes. Ademais, e principalmente, a capacidade de compreensão do observador está enraizada em seus próprios significados, pois ele (ou ela) não é um relator passivo, mas um agente ativo. (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 32).

Sobre esse aspecto, Moita Lopes (2004) discute sobre a relação do sujeito pesquisador com sua pesquisa, e faz o seguinte questionamento: “como podemos fazer pesquisa confrontando ou desafiando verdadeiramente a ideia que ‘a realidade é objetiva, externa ao indivíduo e que pode ser conhecida pelo raciocínio’”? (MOITA LOPES, 2004, p. 166). Sobre essa questão, concordo com o pesquisador quando ele argumenta que não existe a procura por verdades separadas do sujeito-pesquisador, pois o pesquisador está sempre posicionado no mundo e imbricado no conhecimento que produz.

Assim, o interesse de pesquisa dentro do GELASAL, grupo localizado na região Nordeste, no sertão alagoano, por exemplo, é de realizar estudos linguístico-discursivos que tentam compreender a construção e a manutenção discursivas do Sertão/Semiárido/Nordeste, de sua territorialidade e dos modos de ser e de viver dos sujeitos dessa região, refletindo a respeito de construções enunciativas que tenham o Sertão/Semiárido/Nordeste como “referente” e o estabelecimento do jogo de verdades e poderes nesses textos. Nesse sentido, refletindo sobre a manutenção discursiva dos próprios sujeitos pesquisadores, já que são moradores dessa região.

No paradigma interpretativista, Moita Lopes (1994) distingue duas maneiras de produzir pesquisa, sendo elas a pesquisa etnográfica, que se preocupa com os aspectos sociais, e a pesquisa introspectiva, que é, essencialmente, de natureza psicológica. A que me interessa para essa pesquisa é a primeira, que segundo o referido pesquisador, quer responder a quatro

questões, que são: o que está acontecendo no contexto sob investigação? como os eventos estão organizados? o que significam para os participantes? e como podem ser comparados a outros em contextos diferentes? Sobre essa questão, Bakhtin/Volochínov (2004) afirma que a pesquisa na área dos estudos linguísticos deveria se basear em uma concepção de “etnolinguística da fala viva”, levando em consideração os sujeitos e o contexto em que estão situados. Apresento mais adiante o conceito de etnolinguística da fala viva, em Bakhtin/Volochínov, metodologia que uso como base para a pesquisa, metodologia que se interessa em estudar o mundo dos significados e das relações que se estabelecem na interação entre pessoas e com a sociedade.

Entre os pesquisadores brasileiros que se destacam nessa área e que são citados nesse trabalho estão: Bortoni-Ricardo; Moita Lopes e Albuquerque Jr. Esse último, apesar de não se referir especificamente a esse modelo em suas pesquisas, faz um trabalho totalmente diferenciado do modelo positivista. Em seu trabalho de pesquisa, Albuquerque Junior (2011) procurou estudar como através do discurso é construído o mundo; nesse caso, ele procurou problematizar a invenção do Nordeste, isso porque, para esse historiador, o Nordeste foi uma região que nem sempre existiu, sendo construída através dos discursos estereotipados, a partir das relações de poder. Ele diz que é preciso repensar o conceito “Nordeste” e questionar a própria ideia de identidade, ou seja, a ideia de que há uma nordestinidade. Assim, questiona as práticas discursivas e as práticas não discursivas e como essas práticas inventaram o Nordeste e os nordestinos como miseráveis. Ao fazer isso, Albuquerque Junior (2011) explica que o seu intuito não é encontrar uma verdade, e sim problematizar tais construções. Entendemos melhor sua pesquisa no terceiro capítulo desse trabalho.

Nessa perspectiva, o objeto de estudo nesse paradigma de estudo são os textos, que, ao contrário do modelo positivista, não precisam de quantidade e sim de qualidade, ou seja, pode-se usar apenas um texto como *corpus*, contanto que seja um bom texto, que possua as características necessárias para realização da pesquisa. Nesse modelo, compreende-se que o pesquisador, ao contrário da visão que se tem no modelo cartesiano-positivista, se envolve na pesquisa, ou seja, a pesquisa “depende do pesquisador e de como ele constrói o conhecimento que produz [pois] O pesquisador tem corpo, raça, desejo, classe social, gênero, etc., enfim, tem história” [inserção minha] (MOITA LOPES, 2004, p.166). No meu caso, sou uma mulher, jovem, parda, de classe baixa, residente na região Nordeste, no sertão alagoano, em Pariconha, que procura analisar e interpretar discursos que constrói essa região e seus moradores a partir do fenômeno da seca.

Além dos pesquisadores já mencionados, um dos teóricos que dialoga com essa visão é Bakhtin/Volochínov (2004 [1929]) com seus estudos da enunciação, estudos que possuem uma

visão diferente da visão de Saussure, pois Saussure estudava a língua em si e por si, sem levar em consideração os sujeitos e sua história. Bakhtin/Volochínov ([1929] 2004) fazem uma crítica ao modo estruturalista de estudar a língua, dizendo que não se pode fazer estudo de língua sem levar em consideração os aspectos sociais, pois o sujeito que enuncia o faz pensando no outro e nos sentidos que quer expressar, e que cada sujeito está situado em um tempo e um espaço.

Santos Filho (2012) discute sobre essa crítica feita por Bakhtin/Volochínov aos estudos de Saussure, comentando sobre os diálogos que esses estabeleceram com as ideias estruturalistas. Afirma que a argumentação dos russos seria uma crítica a seus estudos sobre a linguagem, apresentando uma nova forma de estudar a linguagem através do estudo da enunciação concreta. O pesquisador também explica que a linguagem para Bakhtin/Volochínov é processo de interação, que, assim como já mencionei, afasta-se da ideia de língua como sistema e apresenta a ideia de enunciação concreta, pois, segundo ele, língua tomada como sistema abstrato não considera os sujeitos. Explica que, segundo eles, o enunciado ganha forma dentro de um gênero discursivo.

Santos Filho (2012) fala também sobre os dois fundamentos do pensamento filosófico-linguístico do século 20 que Bakhtin/Volochínov apresentam, que seriam o “subjativismo idealista” e o “objetivismo abstrato”. O linguista explica que o “subjativismo idealista” acredita que o psiquismo individual é o que constitui a fonte da língua e que o “objetivismo abstrato” se interessa pelo estudo da face sonora do signo linguístico, tal como em Saussure, por exemplo. Explica, como já mencionei, que para Bakhtin/Volochínov o modo de “fazer ciência” da década de 20 do século XX não havia alma, pois, segundo eles, fazia-se ciência desconectada da vida, o que levaria o pesquisador a perder a essência do objeto de estudo. Assim, para Bakhtin/Volochínov, o estudo da linguagem deveria se dar a partir do entendimento de que o locutor se serve da língua para suas necessidades concretas.

Nesse interim, filio-me à noção de estudos em linguagem vista em Bakhtin/Volochínov, pois, compreendendo que linguagem é interação e não pode ser desconectada da vida. Assim, não procuro respostas definitivas, mas procuro interpretar os discursos para tentar compreender como as práticas discursivas constrói as práticas sociais e vice-versa, percebendo as questões de linguagem como questões políticas.

Logo, a partir do que que foi discutido é possível concluir que fazer pesquisa em linguística é mais do que simplesmente se preocupar com a estrutura da língua, como diz Santos Filho (2017, p. 20), pois “fazer pesquisa em linguística é ousar, é ir além dos interesses de

apenas entender a estrutura linguística, nos quais a preocupação é com as relações associativas de seleção e combinação dos signos linguísticos, tal qual foi proposto em Saussure”.

Depois de fazer essa retomada sobre como se deu os estudos na área da linguística e apresentar as principais diferenças entre os paradigmas positivista e interpretativista, apresento no tópico seguinte um pequeno histórico da LA, uma das áreas de pesquisa em linguística que segue o viés interpretativista, área na qual filio-me para realizar essa pesquisa.

## 2.2 Linguística Aplicada

A LA, de modelo interpretativista de fazer pesquisa, tem o social como um dos principais componentes. Nesse modelo de estudo, não interessa estudar a língua em si e por si, e sim analisar os discursos, para interpretar como as práticas sociais constroem as práticas discursivas, e vice-versa, procurando saber de que maneira as estruturas linguístico-discursivas são usadas para construir os efeitos de sentidos desejados, interpretando os discursos e como esses “influenciam” a sociedade e são “influenciados” por ela. Ou seja, procura-se “respostas” na própria sociedade. Entende-se que a língua(gem) é um processo que acontece durante a interação de um “eu e um “outro”, situados social, cultural e historicamente. No Brasil, um dos maiores pesquisadores de LA é Moita Lopes, que faz uma discussão bastante interessante em um de seus textos, discute sobre “a necessidade de pensar uma LA que dialogasse com teorias que estão atravessando o campo das ciências sociais e humanas” (MOITA LOPES, 2006, p.14)

Mas, cabe aqui explicar que a LA nem sempre foi percebida dessa maneira. Conforme Moita Lopes (2004), essa área sofreu mudanças em seu modo de investigação e nas metodologias utilizadas. Segundo ele, isso se deu porque a sociedade vive em constante processo de desenvolvimento e assim também ocorre com os estudos na área da linguística, pois os pesquisadores e as pesquisadoras precisam procurar métodos de pesquisa que também se adaptem a essas mudanças. Nas palavras desse linguista aplicado,

(...) é inegável que estamos experienciando uma série de mudanças na vida social contemporânea no dia-a-dia, muitas delas causadas pela presença da tecnologia, pela rapidez dos meios de comunicação, pela possibilidade de ver a multiplicidade da vida humana ao mero clicar de uma tecla de TV ou computador, pelas inovações tecnológicas que têm afetado a concepção humana etc. **É tempo de dialogar com esse novo mundo.** [grifo meu] (MOITA LOPES, 2004, p. 163).

Sobre essa relação entre a LA e o mundo social, Moita Lopes e Baynham (2017) explicam que a LA não se interessa pelo hegemônico, o discurso de essência, de “pureza” e

“falta de falhas” – aspectos percebidos no paradigma positivista – discursos que os pesquisadores chamam de “vozes da modernidade”, no qual o “centro” representa a norma que deve ser seguida e a “periferia” representa o desvio dessa norma.

Explicam que a periferia que defendem é um conceito que só pode ser entendido em relação a um centro imaginado, colocando em questão as práticas causadoras de poder, essas que

(...) são reflexos de uma lógica dicotômica modernista penetrante, que ainda forma a vida social em muitas esferas (gênero, sexualidade, raça, linguagem, religião, etc.) e que envolve uma dimensão social escalar, criando parâmetros para colocar em oposição norma (centro) e seu desvio (periferia). O centro caracteriza-se pela acumulação de recursos altamente valorizados de todos os tipos, materiais, culturais, tecnológicos, discursivos, linguísticos, que estão faltando ou estão presentes em graus desiguais na periferia. As tensões entre esses parâmetros, que são topográficos e simbólicos, e as desigualdades que eles geram, historicamente forjaram a base das sociedades capitalistas e da modernidade. (MOITA LOPES; BAYNHAM, 2017, p. 05).

Salientam que as relações centro/periferia se caracterizam como relação de exploração linguística, econômica e dominação simbólica. Nessa relação, o centro explora enquanto a periferia é explorada. Mas, enfatizam que nem sempre a periferia é submetida ao centro, pois são relações que podem ser alteradas, principalmente pelo fato de que sempre houve resistência por parte da periferia. Ainda, segundo eles, o centro como representação da falta de falhas é um centro imaginado, principalmente depois do processo de capitalização, pois, com uma sociedade capitalista como a nossa, há um fluxo maior de pessoas e de bens de consumo, ou seja, há uma quebra de fronteiras proporcionando relacionamentos dinâmicos, emergentes, performativos. Assim, colocam em questão esse cruzamento de zona, híbrida, mestiça, que ocorre não só na periferia, mas também no centro.

Enfatizam a relevância da LA em considerar a construção do significado na periferia e seus efeitos performativos. Pois, segundo eles,

A vida nas margens e nas vidas marginalizadas, com suas dimensões sociais, culturais, sexuais, raciais, de gênero e suas intersequências, fornece ideias únicas, que podem realmente iluminar possibilidades de vida além dos limites da periferia, porque os entendimentos das margens foram menos afetados, presos ou colonizados pela hegemonia da modernidade (Bauman 1992; Venn, 2000; Bauman & Briggs 2003; Souza Santos, 2008), criando alternativas nas rachaduras da ordem mundial neoliberal (MOITA LOPES; BAYNHAM, p.9, 2017).

É exatamente por esses discursos emergentes que a LA se interessa, percebendo as relações de linguagem/contexto, no intuito de mostrar como a língua contribui dinamicamente para o surgimento e formação de espaços sociais. Dessa maneira, nesse tópico refletiremos a



respeito de como se constituiu a área da LA, área que segue o modelo interpretativista de fazer pesquisa, tendo o social como um dos principais componentes, pontuando algumas das mudanças ocorridas desde seu surgimento até os dias atuais.

A LA, segundo Moita Lopes (2010), teve início a partir de 1940, com o objetivo de desenvolver materiais para o ensino de línguas, durante a Segunda Guerra Mundial. Conforme explica, a primeira Associação Internacional na área (AILA) foi constituída em 1964, com o advento do primeiro evento internacional de LA. Dessa maneira, seu foco era o ensino/aprendizagem de línguas que se deu com os avanços na área da linguística enquanto ciência. Nessa perspectiva, essa área se inicia, então, como resultado dos avanços da Linguística como ciência no século XX, constituindo-se como o estudo científico do ensino de línguas estrangeiras. Porém, a partir dos anos 60 do mesmo século, passou a se preocupar com questões relativas à tradução. Em seu início, diferentemente da compreensão que muitos linguistas têm hoje sobre o campo, LA era entendida como sendo a aplicação da linguística, usando os princípios do estruturalismo para fazer a descrição das línguas. Nesse início surgiram duas compreensões para a concepção de LA, porém as duas entendidas como aplicação de linguística, no qual aplicava-se a linguística à descrição das línguas, usando os princípios do estruturalismo. Ou seja, a sua preocupação era com a estrutura da língua.

Ainda segundo Moita Lopes (2010), na Inglaterra, a LA teve início em 1957, com a fundação do Departamento de LA de Edinburg, no qual faziam parte Pit Corder, Widdowson, Davies, provavelmente os três maiores linguistas aplicados da época, sendo esses considerados relevantes até os dias atuais. Enfatiza que com o advento da Linguística Transformacional, o percurso aplicacionista da LA continuou e que seu primeiro artigo publicado em LA é na vertente aplicacionista, intitulado “O ensino de línguas estrangeiras: considerações baseadas no modelo gerativo-transformacional”, publicado em 1979.

Todavia, ao observar o trabalho de Moita Lopes em seu início, como esse citado acima, e os da atualidade, podemos perceber as mudanças que ocorreram no modo de se trabalhar dentro da LA. Isso ocorre porque, como explica Moita Lopes (2010), só a partir do ano 1970 é que se dá a diferença de aplicação de linguística e LA como se percebe hoje, com o trabalho de Widdowson, no qual ele faz um questionamento à vertente aplicacionista, defendendo a ideia de que a LA deve ser uma área autônoma, que não dependa de uma teoria linguística, pois para ele as ideias provindas do senso comum seriam mais úteis para o ensino de línguas. Isso não significa descartar totalmente uma teoria em seu estudo, pelo contrário, é nesse momento que se começa a se pensar na possibilidade de se buscar teorias de outros campos do conhecimento,

forjando uma área que possa trabalhar de maneira interdisciplinar. No Brasil, a LA só começou a ganhar força nos anos 1980 e 1990.

Uma outra mudança que ocorreu na área da LA, apontada por Moita Lopes (2010), foi o fato de ela passar a investigar fatos em contextos diferenciados, ou seja, não se restringindo mais e a operar somente em contexto de ensino/aprendizagem de língua estrangeira, pois, “ao compreender a linguagem como constitutiva da vida institucional, a LA passa a ser formulada como uma área centrada na **resolução de problemas** da prática de uso da linguagem dentro e fora da sala de aula” [grifo meu] (MOITA LOPES, 2010, p.18). Nessa perspectiva, se torna relevante para a LA, segundo Moita Lopes (2010), teóricos como Vygotsky e Bakhtin, no sentido de entender a linguagem como instrumento de construção do conhecimento e da vida social, tomando, assim, as práticas sociais como principal objeto de investigação.

Ao procurar compreender as práticas sociais, a LA procura focalizar as práticas discursivas e para isso busca relações com outras áreas do conhecimento. Essa é mais uma questão crucial para essa área. Moita Lopes (2004) enfatiza a necessidade de uma metodologia híbrida. Segundo ele, a área de estudos da linguagem deve dialogar com outras ciências sociais e humanas, porque só assim é possível compreender mais adequadamente a linguagem em uso, pois “uma única disciplina não consegue dar conta de um mundo social mestiço” (MOITA LOPES, 2004, p.164). Dessa maneira, a LA torna-se uma área indisciplinar, na qual o foco é a língua em uso, focaliza a língua(gem), visando a compreensão da vida. E o que significa dizer que é um modelo indisciplinar de estudos de linguagem? Significa dizer que, dependendo do caminho que a pesquisa for seguindo, o pesquisador irá buscar respostas na Geografia, na História, nos estudos do social, enfim, em qualquer área, desde que seja relevante para a aquela pesquisa.

Morin (2003) fala sobre essa relação entre a disciplina e o conhecimento científico. Explica que a disciplina tende à autonomia, pois delimita fronteiras, mas enfatiza que estar por dentro de uma disciplina não é suficiente para conhecer todos os problemas referentes a ela. Dessa maneira, fala da ruptura que ocorre nessas disciplinas, isto é, a invasão do problema de uma disciplina para outras. Portanto, “as disciplinas, tem uma história: nascimento, institucionalização, evolução, esgotamento, etc.” (MORIN, 2003, p.105). Esse esgotamento acontece exatamente porque há essa ruptura de fronteiras entre as disciplinas. É o que aconteceu nessa mudança de abordagens na LA. A esse respeito Moita Lopes (2004) diz que,

A área de estudos da linguagem não deve permanecer isolada de outras Ciências Sociais e Humanas. Acredito que só é possível focar mais adequadamente a linguagem em uso...na contemporaneidade se nos familiarizarmos com o que sociólogos,

antropólogos, psicólogos sociais e culturais, geógrafos, historiadores, estudiosos da literatura etc. estão apontando sobre a natureza da vida social de nossos dias. (MOITA LOPES, 2004, p.164).

Nesse sentido, para realizar essa pesquisa, por exemplo, são requisitados saberes de outras áreas, principalmente da História e da Geografia. Observando a imagem da notícia que segue, entendemos melhor essa relação:



**Figura 01:** Notícia sobre situação de emergência em Alagoas.  
**Fonte:** G1 Globo, 2016

Ao analisar essa notícia, por exemplo, que tem como título “União reconhece situação de emergência em 40 municípios de AL”, é preciso primeiramente pensar o que seria essa situação de emergência. Sobre essa questão, mais à frente a notícia traz a questão da “seca e da falta de chuva”. Nessa perspectiva, cabendo refletir sobre a região por um viés histórico, foi preciso, assim, buscar conhecimentos da História. Por isso, li Albuquerque Jr (1988; 2011; 2017), para investigar como a região hoje chamada Nordeste passou a existir, e de que forma o fenômeno da seca está imbricado com esse surgimento, não só dessa região, mas também da população que nela vive. Além disso, o conhecimento da Geografia é de suma importância para situar a seca como um fenômeno climático-histórico.

Para isso, dialogo com o meteorologista Molion (2016), conforme vou me referir no capítulo três desse trabalho, dialogo também com o trabalho de Oliveira (2016), “Sertão em *outdoor*: discurso político e relações de poder”, no qual ela discute sobre como a seca está atrelada à região Nordeste. Nesse, explica como as mudanças nos modos de produção afetou os discursos acerca da região Nordeste e de sua população, de modo a fazer perceber como o discurso político está presente nesse gênero discursivo e de como as relações de poder são estabelecidas. Assim como o meteorologista Molion (2016), Oliveira (2016) também compreende a seca como sendo o clima natural da região, por essa se tratar de uma região semiárida.

Sobre uma LA indisciplinar, Moita Lopes (2010) pontua algumas características/questões. De acordo com ele, a primeira delas é: Qual é a noção de sujeito em LA? Ao se referir à noção de sujeito, enfatiza o papel do sujeito em sua heterogeneidade, argumentando que esse se transforma de acordo com as interações sociais, diferentemente da noção de sujeito tradicional, visto como aquele sem raça, gênero e sexualidade. A segunda é: em que práticas discursivas tal sujeito é construído? Nesse ponto, esclarece que não existem significados anteriores aos discursos, pois somos os discursos que repetimos. Apresento essa relação mais clara com Albuquerque Junior (2011), no terceiro capítulo, no qual abordo a construção da região que hoje é chamada de Nordeste, que para ele foi uma região enunciativo-discursivamente construída através de discursos de poder, discursos estereotipados. A terceira característica é a indagação sobre o que é a produção de conhecimento. Segundo o linguista aplicado, na produção do conhecimento deve-se se aproximar de uma visão antipositivista e antiobjetivista, preocupando-se em criar inteligibilidade sobre o que é estudado.

Nesse ponto, trago novamente para a discussão Moita Lopes e Baynham (2017), que, ao falar das vozes da modernidade, explicam que para a LA o que interessa não é a visão positivista e objetiva, e sim se aproximar de questões de poder e ideologia que moldam a interação em relacionamentos dinâmicos, emergentes e performativos, interessando-se pelos discursos emergentes, de resistência, que são mais perceptíveis na periferia, havendo, assim, uma quebra de fronteiras no mundo da pesquisa. Dessa maneira, “a LA não tenta encaminhar soluções ou resolver problemas com que se defronta ou constrói. Pelo contrário, a LA procura **problematizá-los ou criar inteligibilidade** sobre eles, de modo que alternativas para tais contextos de uso da linguagem possam ser deslumbradas” [grifos meus] (MOITA LOPES, 2006, p. 20), diferentemente da abordagem das décadas de 1990.

Uma outra questão é: como não separar política de pesquisa? Concordo com Moita Lopes (2010) quando afirma que fazer pesquisa é fazer política, pois entram em jogo os conhecimentos que o pesquisador tem sobre a área da pesquisa e do seu objeto e as escolhas feitas por ele. Uma das primeiras escolhas políticas que o pesquisador faz é decidir se vai realizar a pesquisa reafirmando os padrões hegemônicos da sociedade, seguindo o modelo cartesiano-positivista, por exemplo, ou vai ser um pesquisador de resistência, que procura a inovação, que é necessária no mundo da pesquisa, contestando o modelo hegemônico. Como diz Moita Lopes (2010),

Em um mundo atravessado pelo poder de forma multidirecionada e que apresenta desafios para uma série de significados sobre quem somos, que constituíram o cerne da modernidade, é crucial pensar formas de fazer pesquisa que sejam também modos de

fazer política ao **tematizar o que não é tematizado e ao dar a voz a quem não tem** [grifo meu] (MOITA LOPES, 2010, p.22).

A questão ética também é crucial para essa área, pois nem todo conhecimento é considerado válido, e nem todas as normas e valores são iguais. Nesse caso, “a escolha em relação a que valores devem ser preferidos tem que ser baseada na exclusão daqueles que causam sofrimento humano ou façam mal aos outros” (MOITA LOPES, 2004, p. 168).

Então, o caminho para realizar a pesquisa e a forma como ela é realizada estiveram a todo tempo atravessados por questões como: Quem sou eu? De onde eu falo? Para quem falo? Nesse interim, como já mencionei anteriormente, me coloco como uma mulher, alagoana, sertaneja, nordestina que está concluindo o curso de graduação em Letras-Português em uma Universidade pública localizada no sertão alagoano, buscando interpretar os discursos que constroem essa região como lugar da seca, da miséria, da fome, sem desenvolvimento, lugar parado no tempo.

### 2.3 Por uma “etnolinguística da fala viva”

Considerando toda a abordagem já realizada, nesta pesquisa partimos da compreensão de que a língua(gem) se dá no processo enunciativo-discursivo, e o procedimento metodológico, o procedimento de análise, se dá pelo o que podemos chamar de “etnolinguística<sup>5</sup> da fala viva”, que segundo Bakhtin/Volochínov, conforme Santos Filho (2012), tem como objetivo de estudos

(...) o mundo dos significados, os estudos das relações dialógicas, os processos das atividades de homens e mulheres com e sobre a linguagem nas relações sociais, entendendo que a língua não deve ser separada de seu conteúdo ideológico. Língua e sujeitos são situados (SANTOS FILHO, 2012, p. 5).

Nessa perspectiva, entendo que em determinada época se pensa de determinada maneira, e dependendo do contexto os usos linguísticos vão se diferenciar, assim, também, como a forma pela qual as pessoas enxergam o mundo. Para tanto, acho pertinente trazer para a pesquisa a ideia de texto como enunciação, já mencionada no primeiro tópico, na qual, segundo Bakhtin/Volochínov (2004), o texto é uma manifestação do “eu” em direção a um

---

<sup>5</sup> Etno- do grego *éthnos*. eos- elemento de composição que denota uma ideia de etnia, de povo, de indivíduos mais  
Linguística - ciência que estuda a linguagem humana. Dessa maneira, a etnolinguística pode ser compreendida como um procedimento que estuda, a partir de uma perspectiva enunciativa, as relações entre língua, cultura e sociedade, focalizando especialmente as questões do relacionamento entre língua e visão de mundo, e entre estruturas linguísticas e estruturas sociais.

“outro”, em determinada situação e contexto histórico. Nesse sentido, a enunciação possui duas faces, a do locutor e do interlocutor, que estão em um contexto histórico, político e social, nas quais “os significados são construídos situacionalmente pelos participantes na interação, na medida em que interpretam a intenção nas palavras proferidas pelos outros” (BAZERMAN, 2015, p.163).

Ainda segundo Bazerman (2015), as enunciações não surgem de maneira aleatória, pelo contrário, elas respondem a enunciações anteriores, ou seja, cada enunciação refuta, afirma, suplementa e conta com as outras. Assim, o enunciador precisa levar em consideração os seus conhecimentos sobre algo e os conhecimentos do coenunciador. Dessa forma, a enunciação está inserida em um contexto histórico. Uma reflexão importante para esse estudo é ter em mente a noção de gênero discursivo, pois, saber qual é o gênero de um texto e quais suas características e funcionalidade é essencial para a análise, já que, como diz Bazerman (2015), o gênero é quem fornece as informações necessárias para tipificar e reconhecer o significado e importância de textos, assim também como a situação e atividade de que os textos fazem parte.

Nesse sentido, segundo Bakhtin, ‘cada gênero do discurso em cada área de comunicação discursiva tem sua própria concepção típica do destinatário, e isto o define como gênero’ (BAKHTIN *apud* BAZERMAN, 2015, p. 168). Além disso, Bakhtin (2016), conceitua gênero a partir de alguns critérios: as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas da atividade humana, o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo. Nesse contexto, “os gêneros têm uma forma relativamente estável, que os falantes reconhecem e usam, uma vez que a linguagem só se realiza em gêneros” (BENASSI, 2007, p.1792). Dessa maneira, sempre que se analisa um gênero é necessário pensar: quem está enunciando e para quem? Qual a função social de determinado gênero? Quais usos linguísticos empregados? Isso acontece porque a escolha pelo gênero a ser usado vai depender do momento da interação e dos personagens envolvidos. Essas e outras questões vão ser retomadas no capítulo da análise do *corpus*.

Ao fazer a escolha pela abordagem “etnolinguística da fala viva” como base metodológica, focalizei o social na perspectiva dos participantes, focalizando, assim, a pesquisa de base etnográfica, levando em conta que em qualquer estudo contextualizado é importante levar em consideração a visão que os participantes têm do contexto. Por essa abordagem, ao estudar os enunciados que têm como referente a seca, compreendo que eles não estão desconectados da vida social. Assim, considero tais enunciados na história, preocupando-me com os sentidos e a ideologia.

Dessa maneira, nesse segundo capítulo, refleti um pouco sobre o que é fazer pesquisa em linguística, entendendo a linguística enquanto ciência da linguagem, com Saussure (2006) e o Curso de Linguística Geral, de sua contribuição para os estudos linguísticos, compreendendo que Saussure se associa ao modelo cartesiano-positivista de fazer pesquisa. Além disso, comentei sobre a necessidade de “um novo olhar para os estudos linguísticos”, mobilizando Bakhtin/Volochínov, a partir dos quais expliquei a respeito da necessidade de se produzir metodologias e teorizações que levem em consideração os modos com as pessoas vivem nas práticas sociais. Nesse sentido, falei sobre outro modo de se produzir pesquisa, aquele no qual me filio, o paradigma interpretativista.

Apresentei um pequeno histórico da LA, área que focaliza a língua em sua relação com as práticas sociais. Discuti, também, a respeito da noção de língua e de sujeito e indisciplinaridade nessa área e apresentei o procedimento teórico-metodológico utilizado para fazer a análise, que se dá pelo que podemos chamar de “etnolinguística da fala viva”. No próximo capítulo, apresento uma discussão sobre como se deu a construção da região que hoje é chamada de Nordeste e de como o fenômeno climático seca está imbricado nessa construção.

## CAPÍTULO 03

### A SECA E O NORDESTE

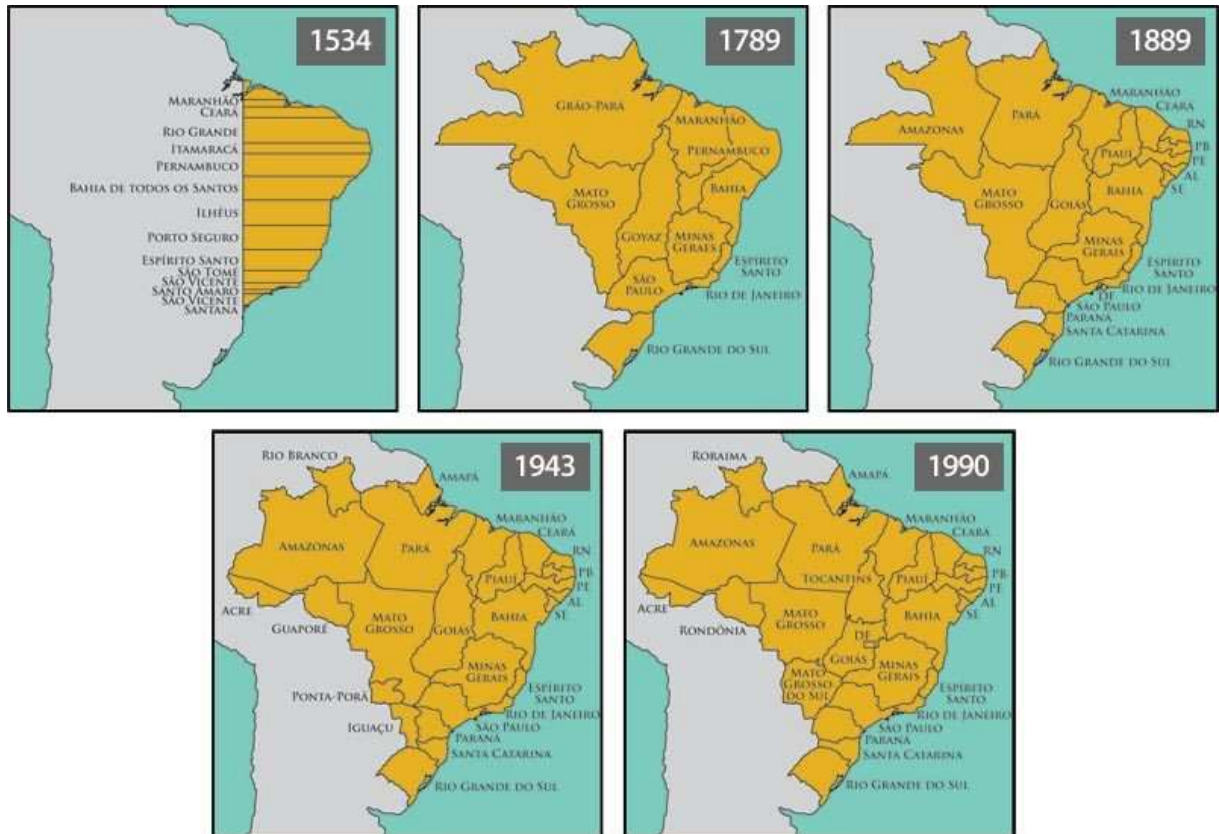
**T**endo como principal objetivo com esse trabalho analisar os discursos sobre a seca em Alagoas em notícias de jornais que circulam nesse Estado, apresento nesse terceiro capítulo uma reflexão acerca da seca e da região Nordeste, no sentido de entendermos como os discursos sobre seca e sobre o Nordeste estão imbricados no imaginário das pessoas. Assim, faço um percurso sobre como surgiu essa região e como a seca está atrelada a essa invenção. Aqui podem surgir alguns questionamentos, tais como: O Nordeste foi inventado? Como isso pode ser possível? É exatamente isso que quero explicar de início.

#### 3.1 “A invenção do Nordeste”

A resposta ao primeiro questionamento feito anteriormente é “sim”, pois compreendo, com Albuquerque Junior (2011, 2004, 2017), que o Nordeste foi inventado, sendo, dessa maneira, uma região que nem sempre existiu, não sendo, portanto, uma região natural. Surgiu a partir de 1910, de necessidades provindas das mudanças que vinham ocorrendo na sociedade, tendo a seca como um dos principais aspectos para o seu surgimento. Assim, é uma região discursivamente construída, através de discursos estereotipados, aqueles que definem o outro em poucas palavras, apagando as diferenças que existem e pegando poucas características comuns e colocando-as como se fossem únicas; é o discurso da estereotipia. No terceiro tópico desse capítulo, discuto melhor sobre o que são esses discursos da estereotipia e o quanto são “perigosos”.

Antes de falar a respeito de como se deu essa invenção da região Nordeste, é importante destacar, como pode ser observado na imagem que segue, que existiram grandes mudanças na própria divisão do território que hoje chamamos de Brasil, desde o início da colonização portuguesa (1534-1990), ocorrendo transformações tanto na extensão do mapa, como também no número de estados no decorrer desse período. Nos primeiros anos não existia a divisão tal como a temos hoje, em Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste, como é vista atualmente. Essa divisão começou a ser pensada a partir de 1913, ocorrendo algumas mudanças até chegar aos dias atuais.





**Figura 02:** Divisão do território que hoje chamamos de Brasil, desde o início da colonização portuguesa (1534-1990)

**Fonte:** Site Nova Escola, 2012.

Nesses mapas, é possível perceber que a divisão do Brasil em Estados/regiões vai mudando de acordo com as necessidades políticas e culturais. Isso ocorre não somente em relação ao metro quadrado da terra/região, mas em relação a todo um perfil, que é construído para a população de cada região, vistas, possivelmente, pelo viés do estereótipo. O Nordeste é um grande exemplo dessa construção enunciativo-discursiva. Albuquerque Júnior (2011), em seu livro “A invenção do Nordeste e outras artes”, explica que o Nordeste foi uma região construída discursivamente, através de um discurso conservador, pensada no início do século XX para se contrapor às transformações econômicas que vinham ocorrendo na sociedade com o fim da escravidão e o processo capitalista.

Relata que o conceito “Nordeste” apareceu pela primeira vez no documento de “Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas” (IFOCS) como resultado da grande seca de 1915 e 1919. No início, “nordeste” significava apenas uma área entre o Norte e o Leste, sendo apenas uma localização geográfica, mas que, ao longo dos anos 1920, políticos, artistas e intelectuais trabalharam esse conceito para dar a ele um conteúdo político, cultural e imaginário, passando a ganhar um conjunto de novos significados, conjunto de “imagens”. Segundo Albuquerque Júnior (2011), o Nordeste está ligado a quatro temáticas diferentes: a primeira seria a seca; a

segunda a caatinga; a terceira o semiárido, e a quarta o êxodo. Mas, a imagem que é reproduzida pelas artes, literatura, cinema, teses de doutorado, é a imagem da retirada, do cangaço, do jagunço, do coronel, do beato. Assim, o conceito “nordeste” começa a ser definido a partir da seca, da fome e da miséria.

Ainda segundo Albuquerque Júnior (2011), os construtores do Nordeste usaram/usam dois elementos para demonstrar que o Nordeste já era uma região existente. A primeira é a diferença física, sendo uma região da seca, da caatinga, do semiárido, diferente do Norte. A segunda ideia é que lá existia/existe uma cultura diferente do restante do país, pois o Sul tinha sofrido uma adulteração de sua cultura de raiz e o Nordeste preservava essa cultura. Explica que quem se beneficiou com a criação do Nordeste foram as elites agrárias vinculadas à produção açucareira, algodoeira e pecuária, pois naquele momento perdiam seu lugar na divisão política e na divisão do trabalho do país, vivendo um processo de declínio econômico e político, isso porque com o processo de industrialização a economia brasileira tinha deslocado seu eixo para o Sul e a área hoje conhecida por Nordeste entrava em declínio. E como a seca está atrelada a essa invenção?

Para entender essa relação é preciso entender as relações de trabalho da época. Naquele momento, novas relações de trabalho surgiam devido ao avanço da modernidade, a partir do final do século XIX, já que os camponeses passaram a participar das novas relações de trabalho, no bojo do capitalismo, em uma relação de exploração. Foi exatamente durante esse período de mudança que ocorreu a grande seca de 1877, passando, portanto, a ser vista como a culpada de todo o sofrimento da população. Como Albuquerque Junior (2016, p.72) argumenta, “a seca de 1877 e as seguintes surgem como síntese de uma situação de crise do mundo tradicional e sua substituição por relações onde predominam um novo tipo de exploração e dominação”.

Com o declínio das elites, essas procuraram meios para diminuir os prejuízos. A solução encontrada foi conseguir verbas para a região. Nesse sentido, a seca foi o principal argumento para conseguir essas verbas, no sentido de que essa é uma região pobre, sofrida, região necessitada, por causa da seca, e que precisa de recursos, diferenciando-se das demais. Albuquerque Júnior (2017) chama atenção para a construção sintagmática “seca no Nordeste” e diz que as outras áreas do país têm “crise hídrica” e “estiagem”, não “seca”. Questiona-se sobre o porquê de no Nordeste ser “seca”. Para ele, as elites monopolizaram/monopolizam o conceito “seca”, pois foi/é fundamental para a construção dessa região, pois “o Nordeste nasce onde se encontram poder de linguagem, onde se dá a produção imagética e textual da espacialização das relações de poder” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 33).

Dessa forma, o que antes era apenas a região Norte, a partir desses discursos da elite se separa em Norte e Nordeste, sendo a primeira mais desenvolvida que a segunda. A partir desse fato, surge o discurso do que seria o Nordeste, e o nordestino, passando a ser uma região vista tanto pela mídia, como na fala das pessoas, como o lugar da fome, da miséria, da seca, dos homens e mulheres rústicos, sem modernidade; enfim, um Nordeste estereotipado, já que existem outros modos de ser que são apagados. Assim, a medida que esses discursos são repetidos foram sendo inventados o Nordeste e os nordestinos. Logo, “o próprio Nordeste e os nordestinos são invenções destas determinadas relações de poder e do saber a elas correspondentes” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 31). Nessa perspectiva, é importante refletir o que vem a ser a seca e se ela realmente existe na região Nordeste.

### 3.2 Seca: mito ou verdade?

Conforme discuti no tópico anterior, a região Nordeste surge como consequência de discursos da elite que caracterizaram a região como lugar da seca, esse sendo um discurso repetido até hoje, não só pela população de outras áreas, mas principalmente pelos próprios nordestinos, pois, sempre que alguém fala em Nordeste, logo surge na mente a imagem de um lugar seco, sem vida. Mas, cabe aqui um questionamento: existe realmente seca no Nordeste? Sobre essa questão, Molion (2016) diz que falar o sintagma “seca no Nordeste” é pleonástico, visto que a região Nordeste possui um clima semiárido, e como mostra o mapa abaixo, o semiárido brasileiro corresponde a aproximadamente 60% da região Nordeste e ocupa uma área de 9000.000 km<sup>2</sup>.



**Figura 03:** Mapa do clima da região Nordeste.

**Fonte:** Portal Sinal Verde, 2018

Molion (2016) também explica que o Nordeste não é a única região semiárida no planeta. Segundo argumenta, a maior parte do mundo é semiárido. Podemos observar isso no mapa anterior, em que mostra que o semiárido também se estende à região Sudeste, pois está também no Estado de Minas Gerais. Todavia, o Nordeste difere de outras regiões que também possuem clima semiárido porque nas demais regiões as temperaturas são mais baixas e com menos sol. Afirma que no Nordeste o clima é bem mais quente, com praticamente todo o ano de sol escaldante, ocasionando uma evaporação muito maior do que a quantidade de água depositada pela chuva. O meteorologista esclarece que no Nordeste, dependendo da área, chove da ordem de 500mm a 800 mm, enquanto a demanda de evaporação é de 2.500. Dessa maneira, como argumenta Molion (2016), esse é um clima que sempre existiu nessa região, não sendo algo do momento, e sim algo histórico, e que precisa ser visto como tal. Nesse sentido, conforme explica Magalhães (2016),

As secas sempre existiram no Nordeste. Antes do adensamento da ocupação humana no interior da região, que começou em meados do século XVI, não havia grandes problemas, porque o ecossistema predominante, a Caatinga, era adaptado ao clima e suas variações periódicas. Somente nos casos de secas extremas, as antigas e esparsas populações indígenas eram atingidas e migravam em direção ao litoral, conforme informam cronistas dos primeiros anos da colonização portuguesa. Contudo, depois que os colonizadores penetraram o sertão e começaram a modificar a paisagem, com o estabelecimento de fazendas e com desmatamentos para a criação de gado e para a produção de alimentos, aumentou muito a vulnerabilidade às secas. (MAGALHÃES, 2016, p. 22).

Logo, essa situação de vulnerabilidade se explica pelo fato de que a região vem sofrendo transformações. Mas que tipo de transformações são essas? Como mencionado acima, as secas sempre existiram no Nordeste, principalmente por se tratar de uma região semiárida. Todavia, a partir do momento em que a população da região começa a aumentar, aumentam também as demandas, como a criação de animais e o trabalho com a terra. Consequentemente, havia uma necessidade maior de água para abastecer a população e os animais. Assim, se antes dessa grande ocupação já havia momentos de falta de água, com a ocupação a situação se agrava, já que,

Como a região semiárida é uma região de fronteira climática, qualquer redução em relação à média pode provocar grandes impactos. Antes o ecossistema, intocado pela ação humana, era resiliente e adaptado a essas variações. A nova situação, que se criou com a ocupação, com a interferência humana no uso da terra, tornou a região mais vulnerável. Uma seca significa falta de água para a agricultura, para o consumo humano, para os animais domésticos e selvagens. Os impactos também são econômicos (com a perda da safra agrícola e com a mortandade de animais), sociais (com o aumento do desemprego e a fome e, em casos extremos, com a morte de pessoas, que muitas vezes buscam emigrar na esperança de encontrar lugares melhores) e ambientais (com a

mortandade de animais silvestres, a exaustão de fontes de água, a degradação ambiental e a desertificação, especialmente onde antes houve interferência humana com o desmatamento para diversos fins) (MAGALHÃES, 2016, p. 23).

Nessa compreensão, a seca de 1877 não foi a única que causou grandes impactos para a população. Diferentemente, ao longo da história, foram registradas várias grandes secas, sendo a maior de todas a de 1877-79, que, como já mencionei, foi o grande mote para que a região passasse a existir, dizimando metade da população e quase todo o rebanho bovino. Depois de 1877, outras grandes secas se seguiram, como as dos anos de 1900, 1915, 1919, 1932, 1958, 1979-83, 1987, 1990, 1992-93, 1997-98, 2002-03, 2010-2015, sendo essas consideradas as principais, como expõe Magalhães (2016). Nesse interim, as agricultoras e agricultores passaram a culpabilizar a seca por perderem seus rebanhos e plantações nas épocas de maior falta de abastecimento de água.

Assim, cabe aqui pensar sobre as atitudes da própria população que habitam essa região. Molion (2016) explica que os agricultores não podem lutar contra o clima, pois esse é natural, e sim devem buscar se adaptarem à região, produzindo uma agricultura de autorretorno, criando animais que melhor se adaptem ao clima, como por exemplo, os caprinos e ovinos, e não o bovino, pois esse é mais vulnerável. Além disso, da mesma forma que os animais, a população deve se conscientizar e cultivar plantas que também se adaptem ao clima, pois só assim terá menos prejuízo. Como diz Magalhães (2016, p. 22), “Na verdade, a seca e a semiaridez são componentes permanentes do cenário do interior do Nordeste. São as atividades humanas que precisam se adaptar às condições do Semiárido, e não o contrário”. Para Haroldo Schistek (2017, p. 46), “precisamos concordar que não existe seca no semiárido. Existe, sim, falta de conhecimento sobre a realidade climática e, em consequência, o que pode plantar ou criar. **A seca na cabeça das pessoas é a pior das secas [grifo meu]**”.

Nessa perspectiva, retomo o questionamento que dá título a esse tópico: a seca é mito ou verdade? Como demonstrado, a seca como vilã é um mito e precisa ser vista como tal, para que a população tenha a consciência de como lidar melhor com esse clima.

Sobre essa questão, é pertinente refletir a respeito das políticas públicas de secas, visando entender a partir de que momento o governo reconheceu a seca como sendo um problema nacional. Mas antes disso, deixo dois questionamentos: a) Por que esse discurso da seca como sendo a culpada de tudo ainda é mantido? e b) O quanto esse discurso pode ser perigoso?

### 3.3 A seca e o perigo de uma história única

Nesse terceiro subtópico, intitulado “A seca e o perigo de uma história única”, trago para a discussão Adichie (2009) e novamente Albuquerque Júnior (2011, 2017), para discutir sobre como o discurso que inventou o Nordeste, e ao mesmo tempo está inventando a sua população, através de um discurso estereotipado, é perigoso. Considero pertinente fazer essa discussão porque, como já mencionei no capítulo anterior, sou uma moradora dessa região e convivo diariamente com esse tipo de discurso, principalmente a partir da mídia televisiva.

Primeiramente, é preciso compreender que o estereótipo é um discurso que pega características comuns de algo ou alguém e generaliza, negligenciando as individualidades existentes, conforme Albuquerque Junior (2011), para quem

O discurso da estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e autossuficiente que se arroga o direito de dizer o que é em poucas palavras. O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 30).

Nesse sentido, esses discursos configuram-se como um conjunto de fragmentos imagéticos e enunciativos, uma construção histórico-discursiva, que constrói a subjetividade das pessoas, uma vez que essas incorporam e repassam tais discursos. A esse respeito, é possível afirmar, segundo Albuquerque Junior (2011), que o fenômeno da seca é o motivo pelo qual a estereotipia é mantida sobre a região Nordeste.

Uma das pesquisadoras que faz uma discussão bastante relevante sobre o fenômeno da estereotipia é Adichie (2009), que em sua palestra intitulada “O perigo da história única”, por exemplo, explica o que seria esse estereótipo e o quanto ele é perigoso. Adichie (2009) fala de sua experiência como escritora e de como suas histórias estavam perpassadas ao modo como ela enxergava o mundo e de como sua visão mudou aos 19 anos, quando se deslocou de sua cidade de origem, na Nigéria, para ingressar em uma Universidade nos Estados Unidos. A pesquisadora conta que sua colega de quarto ficou chocada com ela, perguntando onde tinha aprendido a falar o Inglês tão bem, ficando confusa quando Adichie respondeu que o Inglês era a língua oficial da Nigéria. Isso se deu porque o sentimento anterior de sua colega para com ela era de pena por ser africana.

Adichie (2009) explica que esse tipo de situação ocorre porque as pessoas têm uma história única sobre a África, uma história de catástrofe, na qual nesse continente só há pessoas pobres. Logo, para a colega de quarto não havia possibilidade de os africanos serem iguais a

ela. Afirma que apenas começou a entender a reação de sua colega após passar vários anos nos Estados Unidos, pois se não tivesse crescido na Nigéria, só conhecesse a África através das imagens populares, também iria ter uma história totalmente estereotipada sobre a África. Cabe aqui explicar que menciono Adichie (2009) por se tratar de uma história atrelada ao estereótipo, fenômeno, que, como vemos, não ocorre só na região Nordeste, ocorrendo em/sobre qualquer lugar, com qualquer população, não sendo diferente do que ocorre no Nordeste.

Nesse sentido, a região Nordeste é uma região discursivamente construída através de discursos estereotipados, de lugar seco, sem vida, transmitidos principalmente através da Mídia, que repercute uma ideia de Nordeste atrasado, sem contato com o urbano, mas que isso não procede, porque os nordestinos estão em contato com o urbano e mesclam informações, já que a região Nordeste não se limita a essa visão de lugar rural, como argumenta Albuquerque Junior (2017). Dessa maneira, incorporar o conceito de nordestino trazido nos discursos através das novelas, por exemplo, é esquecer que o Nordeste não parou no tempo e que no Nordeste existem cidades grandes e bem desenvolvidas.

Não agir dessa forma é esquecer, por exemplo, que em pleno sertão alagoano está funcionando uma Universidade, a Universidade Federal de Alagoas, na qual eu tive a oportunidade de ser uma das alunas. Como mencionei na Introdução do trabalho, nunca me imaginei ingressando em uma Universidade, isso porque eu já havia incorporado esse discurso estereotipado do sertão, como o local sem desenvolvimento, e de sua população. Então, na minha concepção, a construção de uma Universidade nessa região seria praticamente impossível.

Isso se dá, como diz Albuquerque Junior (2017), porque o estereótipo é bastante limitador da diversidade de personagens existentes na própria região. Quando as pessoas de outras regiões falam do Nordeste, logo falam do Nordeste de Luiz Gonzaga, do lugar do “cabra macho”, das pessoas matutas que “falam errado”. Para o historiador, o nordestino se descobre nordestino a partir da migração, pois, ao viajar para São Paulo, por exemplo, percebe que os paulistas têm uma visão preconceituosa em relação às pessoas do Nordeste e que afirmam que tudo que é ruim é do Nordeste. Mas, por outro lado, os políticos e intelectuais que também migram do Nordeste parece não serem vistos como nordestinos. Explica que o discurso regionalista, do pobre, do coitadinho, é perigoso porque mascara as divisões internas, apaga os outros diferentes.

Ao falar sobre esses discursos que constrói o Nordeste e o nordestino, pego-me lembrando de algumas histórias que ocorreram comigo e que me fazem refletir bastante sobre essa construção da imagem do nordestino, principalmente porque esse estereótipo não acontece

apenas por uma visão da população de fora, mas dentro da própria região. Certa vez, quando eu ainda frequentava o Ensino Médio, em um momento em que estava com um grupo de colegas conversando, sendo eu a que menos fazia brincadeira, isso porque sou um pouco tímida, teve um momento em que um colega falou “deixe de ser matuta, parece que é da serra”, isso porque no imaginário das pessoas que moram na cidade, as pessoas que residem na serra, povoado, são matutas. Realmente, eu sou moradora da serra. Mas não é esse o motivo de eu ter certas atitudes. Noutra ocasião, um professor me perguntou se na serra as casas eram de barro e se nelas havia chuveiro. Isso demonstra o quanto esse discurso estereotipado está presente no nosso dia a dia

Se pararmos para observar, por exemplo, quando uma pessoa com roupas simples entra em uma loja mais sofisticada, essa pessoa será logo tratada diferente dos outros clientes, com olhares desconfiados, porque na mente dos vendedores, pela forma de se vestir ou pela cor de sua pele, essa pessoa não tem condições de comprar naquele local, correndo o risco até mesmo de ser tachada como ladra. O cantor Emicida, em uma entrevista intitulada “Estereótipo mata”, explica como ele, por ser negro, sofre esse tipo de estereótipo em seu dia-a-dia, mesmo depois de ter uma carreira como cantor. Esses argumentos demonstram o quanto o discurso da estereotipia é perigoso.

Segundo Albuquerque Júnior (2011; 1017), a imagem do nordestino pelo discurso estereotipado é construída não só pelas mídias, mas também através das artes. Segundo ele, alguns personagens configuram essa mitologia sobre o Nordeste. Faz uma crítica à obra “Os sertões”, de Euclides da Cunha, que, segundo esse historiador, é fonte de inspiração para toda uma literatura sobre o Nordeste, e que se apropria de imagens depreciativas sobre o sertão e do sertanejo e as converte para uma ideia de Nordeste. Cita a frase “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”. Menciona que nos finais dos anos 1920, foi inventado o nordestino, tendo uma espécie de várias figuras anteriores, tais como o praieiro, o brejeiro, o sertanejo, o cangaceiro, figuras amalgamadas na figura do nordestino que é antes de tudo um *macho*, sendo, segundo ele a invenção do cabra-macho (ALBUQUERQUE JR, 2011; 2017).

O historiador cita José Américo de Almeida, com o livro “A bagaceira”, obra que relata a vida dos retirantes que procuram fugir da seca. Segundo Albuquerque Júnior (2011; 2017), em grande medida as imagens são euclidianas, ou seja, imagem depreciativa sobre o sertão e o sertanejo. Também faz uma crítica a Graciliano Ramos, com “Vidas secas”, uma produção literária que produz uma visão conservadora da ideia de Nordeste, sem que isso seja percebido, pois, para ele, o autor tem a pretensão de denunciar a miséria, a desigualdade social, a alienação, mas que, para denunciar a alienação, praticamente analisa o camponês nordestino, reforçando



a ideia que os nordestinos não têm capacidade “de pensar”. Dessa maneira, ajuda a construir a imagem estereotipada do Nordeste.

Como demonstrado, através dos exemplos de Adichie (2009), de Emicida e de minhas próprias experiências como nordestina/sertaneja, esse discurso que inventou o Nordeste, ao mesmo tempo inventou a sua população, de modo estereotipado e perigoso, pois limita a diversidade de personagens existentes na região. Depois dessa discussão, passo agora ao próximo tópico, no qual comento a respeito das políticas públicas das secas, apresentando ações realizadas em diferentes períodos e o que mudou de uma fase para outra.

### **3.4 Políticas públicas no semiárido**

Nesse terceiro tópico, volto a falar do clima do semiárido, trazendo as políticas públicas para a discussão e sua importância para a mudança de visão em relação à seca, enfatizando o potencial da região. De acordo com Campos (2014, p. 65 *apud* HEIDMANN, 2006, p. 29), políticas públicas “são as ações, práticas, diretrizes fundadas em leis e empreendidas como funções de Estado por um governo, para resolver questões gerais e específicas da sociedade”. A partir de que momento os governantes passam a elaborar políticas públicas referentes às secas nessa região? Essa preocupação surge logo depois da grande seca de 1877, responsável por milhares de mortes na região (ALBUQUERQUE JR., 2011, 2017; CAMPOS, 2014).

Para uma melhor compreensão, alguns autores dividem as políticas públicas de secas por fases. Para este trabalho, escolhi como proposta de periodização a de Campos (2014), que divide em 5 fases: 1) defrontando-se com as secas (1583-1848); 2) a busca do conhecimento (1849-1877); 3) a hidráulica da solução (1877-1958); 4) a política do desenvolvimento em bases regionais (1959-1991); 5) gerenciamento das águas e as políticas sociais (1992-).

Segundo o autor, a primeira fase, ainda no Brasil Colônia, é a fase em que são relatadas as primeiras secas na região, e que apesar de ainda não haver políticas públicas é importante por se tratar da fase em que o governo reconhece o problema das secas, principalmente porque a situação se agrava com o aumento da população na região. Dessa forma, ainda “não tinham como objetivo buscar soluções para problemas das populações do Nordeste” (CAMPOS, 2014, p.69). É importante frisar que Campos (2014), ao apresentar as fases das políticas de secas, não menciona que a região nessa primeira fase, assim como na segunda, fosse já conhecida por Nordeste.

Para Campos (2014), a segunda fase é onde se inicia a busca do reconhecimento do problema, que se dá em 15 de dezembro de 1849, quando o Imperador Pedro II abriu o passo

Imperial para a elite intelectual debater sobre o assunto, nas chamadas seções do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Ainda segundo o autor, esses debates perpassavam por diferentes focos, sendo um dos primeiros discutir se as secas eram, ou não, um problema nacional que deveria ser objeto de políticas públicas. Conforme argumenta Campos (2014), a tese de que era um problema foi aceita apenas depois do desastre da seca de 1877-79.

Como explica o autor, um passo importante nas respostas governamentais foi dado em 1909, quando o Governo Federal criou a Inspetoria de Obras (Públicas) Contra as Secas (IOCS). Mais tarde, em 1919, a IOCS se transformou em Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS) e, em 1945, a IFOCS se transformou no atual Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS). Essa foi a terceira fase denominada “hidráulica da solução”, fase em que se criaram instituições federais para buscar soluções para o problema da seca. Nessa fase, discutia-se o desenvolvimento da sociedade na região e o fornecimento de água, já que essa é indispensável. Assim, as principais ações eram a **açudagem** e a **importação de águas de rios perenes**. A esse respeito, Campos (2014) explica que essa segunda ação era inviável na época por falta de recursos. Essa ação, apesar de ter sido pensada há tanto tempo só pode ser observada nos dias atuais com a transposição do rio São Francisco. Essa fase ficou conhecida por “hidráulica da solução”, por considerar que o aumento da oferta de água seria essencial para o desenvolvimento da população.

A fase da “política do desenvolvimento em bases regionais” foi marcada pelas ideias de Celso Furtado, sobre questões referentes à posse de terra, nas quais o foco era o desenvolvimento econômico da região Nordeste. Surgiu, assim, a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene). Já a quinta e última fase, em que o autor intitula “o gerenciamento das águas e políticas sociais”, é marcada pela formulação da Agenda 21. Dessa maneira, as formulações políticas públicas passam a ser influenciadas pelos eventos mundiais, consensos e associações técnicas e científicas. Conforme Campos (2014), com os desastres ambientais que vinham ocorrendo na sociedade, o meio ambiente passa a ser discutido em várias dimensões. Nessa época, foi criada a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD). Além disso, Campos (2014) esclarece que a Agenda 21 aborda as políticas de secas em três capítulos: 1) O Capítulo 3, que trata do combate à pobreza; 2) o Capítulo 12, que aborda o manejo de ecossistemas frágeis e a luta contra a desertificação e a seca; 3) e o Capítulo 18, que trata da proteção da qualidade e do abastecimento dos recursos hídricos com aplicação de critérios integrados no desenvolvimento, manejo e no uso da água.

O que se percebe nessas ações de políticas públicas é exatamente um discurso de combate à seca, pois não se fala em políticas de convivência com o semiárido. Nessas ações,

não estão em grande medida os debates sobre como a população pode mudar as formas de plantio e de manejar animais e plantas que melhor se adaptem ao clima.

Assim, vimos nesse capítulo como surgiu a região Nordeste, sendo inventada através dos discursos de poder, e como a seca está atrelada a essa invenção, bem como esses discursos constroem ao mesmo tempo sua população através de um discurso estereotipado. Refletimos a respeito das políticas públicas e de sua importância para uma mudança de visão da população. Fazer esse percurso foi imprescindível para compreensão dos discursos presentes nas notícias em análise, já que se tratam de enunciados que constroem uma visão de mundo, nesse caso uma visão do que seria a seca e o sertão alagoano e sua população.

## CAPÍTULO 04 UMA ANÁLISE LINGUÍSTICO-ENUNCIATIVA SOBRE A SECA NA NOTÍCIA

Como mencionado desde a Introdução desse trabalho, o *corpus* construído para a análise está constituído de notícias de jornais, de modo a interpretar como a seca é nomeada/caracterizada e quais significados são construídos, buscando respostas para algumas perguntas, tais como: Que noção acerca de seca é trazida pelas notícias? Quais significados a respeito de sertão, semiárido e Nordeste são construídos? O discurso da seca pelo sujeito pobre do campo visto partir da seca de 1877-1879 ainda se mantém nos dias atuais?

Mas, antes de fazer a análise das notícias, volto a dizer que trato o texto como sendo um enunciado, conceito trabalhado no Capítulo 02, com Bakhtin/Volochínov (2004), porque considero essa noção importante em uma pesquisa interpretativista como essa. Segundo esses filósofos, para que se possa ter um texto/enunciado tem que haver pelos menos duas consciências, um enunciador e um coenunciador, sendo esses sujeitos situados em uma determinada época, lugar e tempo. Nesse sentido, dependendo do contexto social, os usos linguísticos vão se diferenciar. Logo, o texto é construído a partir do conhecimento interior e do conhecimento das relações sociais. Sendo assim, os significados não estão postos na superfície do texto, mas construídos e reconstruídos dentro das relações sociais.

Portanto, ao fazer a análise de um texto/enunciado, temos que ter atenção para os significados que estão sendo construídos. Para tanto, é preciso olhar para os detalhes do texto: gênero, função social, qual o enunciador e qual coenunciador, em que tempo e espaço foi construído e quais discursos estão envolvidos. Apresento melhor essa relação na análise das notícias. Dito isto, reflito agora sobre a esfera midiática, pois considero relevante para compreender melhor o gênero discursivo a ser analisado, já que a notícia faz parte dessa esfera de comunicação. Logo em seguida, discuto especificamente a respeito do gênero discursivo notícia e, por fim, realizo a análise.

### 4.1 A esfera midiática

Primeiramente, é preciso compreender que o gênero notícia de jornal faz parte da esfera midiática. Assim, segundo Hernandez (2017), o jornal designaria qualquer forma de noticiário, desde o impresso, de rádio de TV, ou via internet. Segundo ele, os principais jornais estão a serviço da elite dominante, procurando meios para atrair e manter a atenção do seu público para que possa manter o nível de audiência, já que essa é a base de lucratividade das empresas, visto

que, nas palavras do autor, “O jornal depende da tiragem ou da audiência para o exercício de seu poder como ator social. Sem atrair e manter a atenção de grandes fatias do público-alvo, não pode legitimar seu recorte da realidade e seus valores para o conjunto da sociedade” (HERNANDES, 2017, p.10). Nesse sentido, para que o jornal consiga esse poder de manipulação e para que ele funcione é necessário que partilhe das mesmas crenças que seu público.

Pensando dessa forma, e percebendo o texto como o enunciado, compreendo, assim como Hernandes (2017), que o público participa do objeto jornal como um coautor, pois ao mesmo tempo que vai se construindo constrói também o objeto jornal, ou seja, “a relação entre autor e leitor, ouvinte, telespectador ou internauta não é mera transmissão de informação” (HERNANDES, 2017, p.17). Nessa perspectiva, segundo Charaudeau (2006), existe um contrato que estabelece a relação entre o jornal e seu público, no qual sua finalidade ocorre levando em consideração duas visadas, a visada do *fazer saber*, referente à informação; e a visada do *fazer sentir*, referente à captação da informação, produzindo um objeto de consumo. Ao refletir sobre esse contrato, Hernandes (2017) apresenta algumas cláusulas necessárias, que influenciam a produção e o consumo do discurso jornalístico, quais sejam:

1. Dizer a verdade;
2. Separar fatos de opiniões e interpretações;
3. Ser objetivo e imparcial nos relatos e
4. Mostrar a realidade.

Sobre a primeira cláusula, podemos pensar o que seria essa realidade. Todos nós enxergamos o mundo da mesma maneira? Compreendo, como venho me posicionando, que o mundo é construído através de nossas práticas, e que o que pode ser uma verdade para uma pessoa pode não ser para outra, pois compartilhamos visões de mundo diferentes. A esse respeito, Hernandes (2017) explica que,

O rótulo de verdade ou de mentira colocado nos produtos dos jornais por determinados grupos sociais tem quase sempre motivação política. Indicam, na forma de sanção pública, que determinado recorte da realidade feito pelos jornais, reforça ou nega suas visões de mundo e estratégias de manutenção ou busca de poder (HERNANDES, 2017, p. 21).

O autor pontua que nos jornais é importante separar fatos de opiniões e interpretações, já que o objetivo dos jornais é mostrar os fatos, mas explica que isso não significa que não haja opiniões e interpretações. Assim, o que os jornais procuram é criar um “efeito de neutralidade”,

criando estratégias para fazer com que o texto pareça objetivo, pois uma das principais características que o jornal quer construir é seu efeito de objetividade, ou seja, ser objetivo e imparcial nos relatos, tal como com o uso da terceira pessoa e depoimentos entre aspas, por exemplo.

Nesse sentido, é importante pensar se os jornais realmente mostram a realidade ou constroem uma. Aqui volto a mencionar a LA, área que compreende que as práticas sociais constroem as práticas discursivas, assim como as práticas discursivas constroem as práticas sociais, isso porque as escolhas linguístico-discursivas feitas pelos jornais estão sempre imbricadas a uma ideologia, já que sempre há uma seleção dos conteúdos que será colocada ou não na notícia. Desse modo, “A informação é essencialmente uma questão de linguagem, e a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular de mundo” (CHARAUDEAU, 2006, p. 9). Hernandes (2017) também reflete sobre o assunto ao tratar da “realidade real” e a “realidade artificialmente criada” e diz que,

(...) os jornais sempre reportam realidades filtradas, resultado de um processo com três fases: 1) ‘pinçagem’ ou escolha do que é considerado ‘relevante’; 2) remontagem dos ‘pontos que interessam para criar uma sensação de realidade e verdade; e 3) esquecimento ou negação do que é notado como inoportuno ou desimportante na situação retratada (ou de tudo o que poderia contradizer a tese resultantes dos itens 1 e 2). Não existe nenhuma forma de falar de uma ocorrência qualquer de maneira ‘isenta’. E isso não é um ‘problema’ dos jornais. A construção de uma determinada realidade, deve-se reforçar, dá-se a partir de uma visão de mundo, uma ideologia” (HERNANDES, 2017, p. 27).

Ainda de acordo com Hernandes (2017), as escolhas são feitas de maneira que o(a) leitor(a), o(a) ouvinte, o(a) telespectador(a) ou internauta não desconfie que certos aspectos da realidade são silenciados. Objetiva-se que esse perceba aquilo como a própria realidade, e não como uma versão dela. Um exemplo dessas escolhas são as fotos jornalísticas, com suas escolhas de ângulos, de cores, ou seja, fotos que se harmonizam com o que é narrado.

Entre os gêneros discursivos midiáticos mais conhecidos destaca-se a reportagem e a notícia. Mas, é bom lembrar que se tratando de gêneros discursivos diferentes possuem características diferentes. Enquanto o primeiro enquadra-se entre os textos do jornalismo opinativo, o segundo está entre os textos do jornalismo informativo. Aqui não vou abordar as características específicas da reportagem, apenas as da notícia, o gênero discursivo a ser analisado.

## 4.2 O gênero discursivo notícia

Como comentei no Capítulo 02, conhecer o gênero discursivo de um texto e quais suas características e funcionalidade é essencial antes de começar uma análise, já que cada gênero discursivo tem sua própria concepção típica do destinatário. Assim, é necessário pensar: quem está enunciando e para quem? Qual a função social de determinado gênero? Quais usos linguísticos foram empregados?

Dito isso, pode-se dizer que o gênero discursivo notícia de jornal, assim como o próprio nome já diz, é um gênero que pertence à esfera jornalística, mas que difere dos demais gêneros discursivos desta por possuir características específicas que o define. É considerada “um conjunto de informações que se relacionam a um mesmo *espaço temático*, tendo um caráter de *novidade*, proveniente de uma determinada *fonte* e podendo ser diversamente tratado” (CHARAUDEAU, 2006, p. 66). Nessa perspectiva, o papel da notícia é a divulgação de informação, mas não qualquer tipo de informação, e sim aquelas mais relevantes para a sociedade. Além disso, só terá valor jornalístico se tratar de um assunto atual, como diz Benass (2009), porque “notícias têm valor jornalístico apenas quando acabaram de acontecer, ou quando não foram noticiadas previamente por nenhum veículo. Nem todo texto jornalístico é noticioso, mas toda notícia é potencialmente objeto de apuração jornalística” (BENASS, 2009, p.1793). A esse respeito, Hernandez (2017) diz que,

(...) para a estratégia de sustentação da atenção do público funcionar, é necessário existir principalmente uma sensação de proximidade temporal, um agora partilhado entre personagens das histórias (actantes da narrativa) e leitoras, internautas, telespectadores e ouvintes (actantes da enunciação). Qualquer jornal precisa fazer seu consumidor acreditar que as notícias divulgadas são atuais (HERNANDES, 2017, p. 55).

Ainda de acordo com Charaudeau (2006),

(...) a notícia só tem licença para aparecer nos organismos de informação enquanto estiver inscrita numa atualidade que se renova pelo acréscimo de pelo menos um elemento novo; além do mais, é preciso que esse elemento novo seja portador de uma forte carga de inesperado para evitar o que as mídias mais temem – e que dependem da representação que têm a esse respeito –, a saber: *a saturação*” (CHARAUDEAU, 2006, p. 67).

Tratando-se de um enunciado, exige uma relação de um enunciador e um coenunciador. Mas, essa relação não acontece de forma direta, mas indireta. E para quem se dirige a notícia? À população que deseja estar informada dos acontecimentos que vem ocorrendo na sociedade.

Na dimensão social, a notícia divulga informações de todas as áreas, desde a política até a saúde. No caso das notícias analisadas, essas se direcionam à população alagoana, principalmente a do alto sertão alagoano. Seu veículo de circulação pode ser tanto jornais impressos, jornais apresentados na TV, ou aqueles veiculados *on-line*. As notícias selecionadas para análise, por exemplo, foram geradas de jornais *online*, portanto, de acesso mais restrito a pessoas que têm acesso à internet, ou por um computador em casa, ou por um *mobile*, incluindo aí o celular.

As principais características desse gênero jornalístico-midiático são: texto em terceira pessoa (distanciamento em relação ao fato); concreto; objetivo, não aparecendo opiniões, depoimento entre aspas, “os fatos surgem como se o próprio leitor tomasse conta deles” (HERNANDES, 2017, P. 29). A notícia geralmente é formada por um título principal, conhecido como manchete – resumo do que vai ser tratado em poucas palavras, e título auxiliar, um pouco maior, auxiliando o entendimento do título principal.

Depois do título principal e do auxiliar, aparece o primeiro parágrafo da notícia, também chamado de *lide*, que corresponde à introdução da notícia, respondendo a perguntas como: O Que? Quem? Quando? Onde? Como? Porque? Ou seja, através da lide o leitor já terá uma ideia de que informações aparecerão ao longo da notícia. Já no corpo da notícia, aparecerão descrições mais detalhadas sobre o assunto. A esse respeito Benassi (2009) diz que, “as marcas linguístico-enunciativas mais visíveis nesse gênero são: a estrutura com lide, linguagem intermediária, poucos adjetivos, dando ênfase aos substantivos e verbos, os quais devem impressionar o leitor” (BENASSI, 2009, p. 1796). Para entender melhor essa relação passo agora à análise das notícias.

### **4.3 A seca em pauta: “situação de emergência”**

A primeira notícia foi selecionada do *site* da UOL e as demais do portal da G1 AL TV Gazeta, edição *on-line*. Inicialmente, foi feito um recorte temporal de 2012 a 2017, no qual foram selecionadas notícias de anos diferentes, de modo a perceber se diferem na maneira como tratam a seca, uma sobre o “prejuízo com a seca”, de 2012, e as demais sobre a “situação de emergência” provocada pela seca, acerca de decretos e reconhecimentos dessa situação, de 2016 e 2017, por exemplo. Vejamos!



**UOL notícias Cotidiano**

ÚLTIMAS • CIÊNCIA E SAÚDE • ECONOMIA • INTER • JORNAIS • POLÍTICA • ELEIÇÕES 2018 • UOL

## Seca no Nordeste

HOME NOTÍCIAS FOTOS VÍDEOS

# Prejuízos com a seca superam os R\$ 52 milhões em Alagoas [COMENTE](#)

Da Agência Brasil  
Em Brasília 18/05/2012 | 21h09

f t p in e

🔊 Ouvir texto 🖨️ Imprimir 📧 Comunicar erro

No último boletim da Defesa Civil de Alagoas, o número de municípios em estado de emergência em decorrência da seca chegou a 33 e dois outros municípios ainda esperam análise do governo para confirmar a mesma situação. O prejuízo do Estado ultrapassa os R\$ 52 milhões e Craibas foi o município com o maior prejuízo, superando os R\$ 6 milhões.



**Veja imagens da seca no Nordeste** 88 fotos

15.mai.2012 - Sem dinheiro para comprar abastecimento por caminhões-pipa, a população se vê na esperança de que volte a chover no sertão alagoano. Mais de 4 milhões de pessoas já foram afetadas pela estiagem

**VEJA MAIS >**

**Figura 04:** Notícia referente a prejuízos com a seca em Alagoas.  
Fonte: UOL, 2012.

Já no título da notícia, é possível interpretar que o enfoque principal está dado aos prejuízos causados pela seca, que, segundo informa, já ultrapassam os 52 milhões de reais, ficando em evidência os “prejuízos com a seca”, o assunto a ser tratado. Ao longo da notícia, há outras afirmações como “Nordeste sofre com a seca” e “...emergência em decorrência da seca...” que enfatizam que tais prejuízos devem ser resolvidos com urgências. Informa ainda que “Além de Alagoas, a seca atinge a Bahia, onde se estima que a perda na produção agrícola e agropecuária varie de 20% a 40%, especificando o que seriam esses prejuízos, tal como “a perda na produção agrícola e agropecuária”. A notícia apresenta que “Mais de 1 milhão de pessoas foram afetadas pela estiagem no Estado”. Aqui, pode-se perceber que a notícia usa a

palavra “estiagem” como sendo sinônimo de “seca”. Porém, apesar disso, o que se percebe é que nessa notícia a todo momento culpabiliza a seca pelos prejuízos que a população vem passando, sem citar as atitudes que o governo tomou ou poderia tomar para revolver a situação.

Por isso, foram selecionadas mais duas notícias que falam a respeito da atuação dos governos estadual e federal frente à seca, a primeira publicada no dia 28/09/2016, às 10h08, disponível em < <http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2016/09/uniao-reconhece-situacao-de-emergencia-em-40-municipios-de-al.html> >, e a segunda publicada no 21/02/2017, às 15h11, disponível em < [encurtador.com.br/gNP13](http://encurtador.com.br/gNP13) >, com meu acesso em 20 de novembro de 2017. Meu objetivo em fazer esse diálogo entre as a notícia de 2012 com as demais sobre a seca em Alagoas, foi o de perceber como a seca é tratada nas notícias, e quais as políticas públicas o governo mobiliza para lidar com a situação, se há alguma mudança nos discursos anteriores, negando-os ou se simplesmente estão reafirmando-os, repetindo-os. Trata-se de uma cadeia discursiva, conceito visto em Bakhtin/Volochínov (2004). Além disso, como diz Humberto Barbosa (2018), meteorologista, os anos de 2012 a 2017 foram recentemente os de pior registro de seca. Antes de apresentar a análise dessas notícias é importante frisar que o governo investe cerca de vinte milhões em políticas públicas de seca. Como mostra a imagem da notícia que segue:



**Figura 05:** Notícia sobre investimento do governo para combate à seca em Alagoas em 2015.  
**Fonte:** Gazeta, 2015.

Voltando à análise das notícias, a primeira dessas está intitulada “União reconhece situação de emergência em 40 municípios de AL”, conforme vemos na sequência:

28/09/2016 10h08 - Atualizado em 28/09/2016 12h13

## União reconhece situação de emergência em 40 municípios de AL

Situação de emergência foi publicada no DOU desta quarta-feira (28). Reconhecimento foi por causa da seca e da falta de chuva nas regiões.

Do G1 AL

Facebook Twitter Google+ Pinterest

O governo Federal reconheceu situação de emergência em 40 municípios do estado de **Alagoas**. A informação foi divulgada, nesta quarta-feira (28), através de uma portaria no Diário Oficial da União (DOU). Segundo a publicação, a situação foi decretada devido à seca nas regiões.

Ainda de acordo com a portaria, para reconhecer a emergência por um período de 180 dias, o secretário Nacional de Proteção e Defesa Civil, Renato Newton Ramlow, levou em consideração o **Decreto nº 49.948, do Governo de Alagoas**, que traz informações sobre as dificuldades enfrentadas pelos agricultores por causa da falta de chuva nos municípios.

Segundo o Ministério da Integração Nacional, com a situação de emergência reconhecida, os municípios podem ter acesso aos programas federais de fornecimento de água tratada, como a Operação Carro-Pipa. Além disso, podem obter a renegociação de dívidas no setor de agricultura, a aquisição de cestas básicas e o apoio dos bancos de desenvolvimento para a retomada da atividade econômica nas regiões afetadas.

O Ministério ainda diz que os órgãos estaduais localizados nas áreas atingidas são responsáveis por adotar medidas para o combate a situação, em conjunto com os órgãos municipais.

**Figura 06:** Notícia sobre o reconhecimento da situação de emergência em Alagoas.

**Fonte:** G1 TV Gazeta, 2016.

Nessa notícia, pelo título “União reconhece situação de emergência em 40 municípios de AL”, percebe-se que o enfoque principal é a “situação de emergência” que vem ocorrendo no Estado de Alagoas, ou seja, não é qualquer situação, e sim uma situação **séria** e que **precisa ser resolvida no momento**. A notícia traz “pistas” do que seria essa “situação de emergência”, quando menciona, por exemplo “...as **dificuldades** enfrentadas pelos agricultores **por causa da falta de chuva** nos municípios”, no sentido de que a “situação de emergência” séria diz respeito às dificuldades enfrentadas pelos agricultores por causa da seca/falta de chuva na região.

No primeiro parágrafo, volta a especificar que a causa dessa situação é a seca, quando diz: “a situação **foi decretada/devido** à seca nas regiões”. Nesse caso, a construção sintática “foi decretada” é construída com o verbo auxiliar “ser” e o particípio de verbo “decretar”, sendo, dessa forma, usada na voz passiva, estando a “situação [de emergência]” recebendo a ação de ser ordenada. A informação é, a princípio, considerada um assunto atual, já que faz parte do cotidiano da população sertaneja alagoana, devido ao clima do sertão ser semiárido. A notícia traz ainda alguns dados que possibilitam que o(a) leitor(a) a veja como sendo um assunto atual, como, por exemplo, a data de publicação que vem logo no início da notícia, sendo publicada no dia 28 de setembro de 2016. Além disso, vemos o uso do presente do indicativo quando diz que “União **reconhece**”, assim também como o uso “**foi publicada** no DOU desta quarta-feira”, usados

para dar um valor de atualidade à notícia. Ou seja, usos como esses reafirmam essa característica da notícia, que é fazer com que o(a) leitor(a) receba a notícia e a considere atual. Mas, se comparada a outras de “mesmo assunto” de anos anteriores, será que essa notícia pode mesmo ser considerada assunto atual? A notícia para ser considerada notícia tem que ter um caráter de novidade, mas não necessariamente é um assunto atual, pois, como explica Hernandez (2017) o jornal não mostram a realidade propriamente dita, constrói uma. Assim, usam estratégias para dar um caráter de novidade à notícia.

Na dimensão social, como já pontuamos, a notícia divulga informações de todas as áreas, desde a política até a saúde. Essa, por exemplo, faz parte da esfera política, pois fala de governo, de ações políticas, mais especificamente das ações que o governo vem fazendo no estado de Alagoas e a ação que o governo federal faz de reconhecer a situação de emergência em 40 municípios do estado alagoano, tal como vem informando no título: “União **reconhece** situação de emergência em 40 municípios de AL”.

Em se tratando de um gênero discursivo, os usos linguísticos não são colocados aleatoriamente; são pensados de forma a conseguir produzir os efeitos desejados, ou seja, “as escolhas que fez de léxico, morfologia e sintaxe não são aleatórias, ao contrário, são realizadas pensando no outro que lerá esse enunciado” (SANTOS FILHO, 2012, p. 35). Assim, o verbo presente no título, por exemplo, é apresentado no presente do indicativo, forjando a ideia de algo que está acontecendo no momento, conforme já pontuamos anteriormente. A função de adjetivo presente no sintagma “situação **de emergência**” é construída empregando uma locução formada de uma preposição mais um substantivo, para dizer que não é qualquer situação, e sim uma situação muito séria e que precisa ser resolvida rapidamente, já que o significado de “emergência” é usando fazendo referência a uma situação crítica, com ocorrência de grande perigo, precisando de rápida intervenção.

Porém, o que é de fato essa “situação de emergência”? Sobre essa questão, o meteorologista Humberto Barbosa, em outubro de 2018, explica em uma entrevista ao programa *Cidade Alerta AL* o que é essa situação considerada “de emergência”. Segundo ele, seria o nível 3 de 4, do impacto de uma seca, sendo considerada “seca extrema”, isso porque, para medir os efeitos da seca, é usada uma escala de classificação que vai de S0 (seca fraca) a S4 (seca excepcional). Dessa maneira, a escala de classificação de severidade da seca de acordo com o mapa de monitoramento das secas é a seguinte maneira:

<b>Categoria</b>	<b>Percentil</b>	<b>Descrição</b>	<b>Impactos Possíveis</b>
<b>S0</b>	30 %til	Seca Fraca	Entrando em seca: veranico de curto prazo diminuindo plantio, crescimento de culturas ou pastagem. Saindo de seca: alguns déficits hídricos prolongados, pastagens ou culturas não completamente recuperadas.
<b>S1</b>	20 %til	Seca Moderada	Alguns danos às culturas, pastagens; córregos, reservatórios ou poços com níveis baixos, algumas faltas de água em desenvolvimento ou iminentes; restrições voluntárias de uso de água solicitadas.
<b>S2</b>	10 %til	Seca Grave	Perdas de cultura ou pastagens prováveis; escassez de água comuns; restrições de água impostas.
<b>S3</b>	5 %til	Seca Extrema	Grandes perdas de culturas / pastagem; escassez de água generalizada ou restrições
<b>S4</b>	2 %til	Seca Excepcional	Perdas de cultura / pastagem excepcionais e generalizadas; escassez de água nos reservatórios, córregos e poços de água, criando situações de emergência.

**Figura 07:** Quadro de classificação da intensidade da seca.

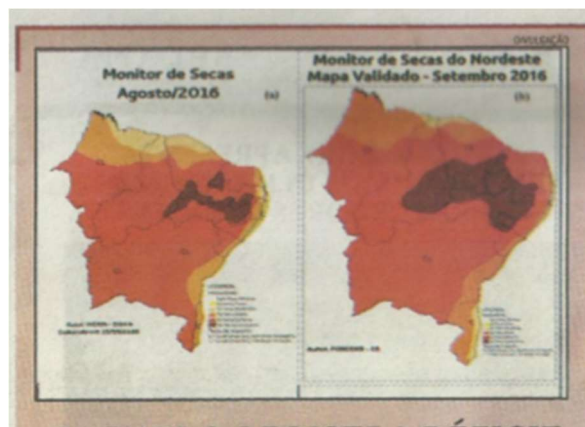
**Fonte:** Monitor de seca, 2018.

Na entrevista, o meteorologista começa explicando que apesar de 2018 ter sido um ano em que as chuvas chegaram muito próximo da média, a situação não melhorou, devido ao registro de sete anos de chuvas abaixo da média, deixando, assim, 38 municípios com situação que vai de moderada à grave. Nessa perspectiva, essa situação de emergência ocorre porque os municípios, assim como o Estado, estão com uma situação séria do ponto de vista econômico.

Nessa situação, o Governo Federal assume uma parceria com ambos, os dois primeiros, no sentido de reconhecer o estado de emergência. Ou seja, os municípios pedem o decreto, esse decreto passa pelo Governo Estadual, e por fim o Governo Federal reconhece esse decreto, liberando verbas para as regiões. Essa entrevista pode ser acessada no endereço: <<http://www.tnh1.com.br/video/vid/situacao-de-emergencia-por-causa-da-seca-em-38-municipios-de-alagoas/>>, com meu acesso em 30 de agosto de 20118.

No mês de dezembro do mesmo ano, foi publicada uma reportagem no jornal impresso *Gazeta de Alagoas*, em que explica que a seca de 2016 é comparada a de 2012, porém com efeito piores, isso porque houve uma redução de chuvas em 2016 para 40 % e 60 %, dependendo da região, sem água em praticamente nenhum reservatório, além do acúmulo do *déficit hídrico* dos anos anteriores. Ou seja, vemos aqui o que foi discutido no capítulo três, que, se tratando de um clima semiárido, a seca sempre vai existir, umas maiores que outras, mas sempre vai haver.

Assim, de acordo com essa reportagem, em 2016 houve uma evolução das secas em Alagoas, pois até setembro daquele ano o agreste e o sertão estavam na zona S3 (seca extrema) e a zona da mata na S2 (seca grave), mas que em outubro as regiões subiram, respectivamente, um ponto na escala, para “excepcional” e “extrema”. Esse aspecto, então, é a denominada “situação de emergência”. Essa evolução pode ser percebida no mapa abaixo, onde cada cor presente representa um nível da seca, sendo a cor amarela seca fraca; a cor bege representando seca moderada; a cor laranja representando a seca grave, a cor vermelha a seca extrema e a mais escura representando seca excepcional. Ou seja, confirmam o avanço das secas de agosto para setembro.



**Figura 08:** Imagem de mapa de monitoramento de secas em Alagoas, em 2016.

**Fonte:** Gazeta de Alagoas, 2016.

Voltando à notícia, a partir do segundo parágrafo, vemos o verbo “reconheceu”, usado no passado do indicativo, e os verbos “divulgada” e “decretada” usados no particípio, gerando

nesses últimos a ideia de adjetivo. Ao afirmar que “reconheceu”, a notícia argumenta que a situação de seca e emergência já está lá, dada. Entretanto, como vimos em Albuquerque Júnior (2011), sobre a parte física da região, é gerada uma produção de sentido, não existindo uma região já dada, pelo contrário construída por meio dos discursos, sendo, portanto, um conjunto de fragmentos imagéticos e enunciativos. Logo, dessa forma, os sentidos podem ser mudados, podem ser outros. Nas palavras do autor, “o Nordeste [sertão/semiárido] nasce onde se encontra um poder de linguagem. Onde se dá a produção imagético e textual das espacializações das relações de poder” [inserção nossa] (ALBUQUERQUE JR, 2011, p.33).

Ainda no mesmo parágrafo, a notícia fala das “dificuldades **enfrentadas** pelos agricultores **por causa da** falta de chuva nos municípios”. Enfrentar, de acordo com o Dicionário Houaiss de língua portuguesa, pode ser, por exemplo, pôr(-se) em confronto, conflito; atacar(-se), travar disputa. Percebemos, então, que o discurso que a notícia traz é um discurso de enfrentamento da seca. Mas, será que a seca pode ser enfrentada? Pode-se acabar com ela? Não, pois, como vimos em Molion (2016), a seca faz parte do clima natural da região, configurando um *déficit* hídrico, já que, como pontuei, chove cerca de 500mm a 800mm, enquanto a demanda de evaporação é da faixa de 2.500mm. No mês de outubro de 2018, por exemplo, de acordo com o mapa de monitoramento das secas no oeste de Pernambuco, sul do Maranhão, sul do Piauí e sul e oeste da Bahia, foram registradas chuvas acima de 100 mm, enquanto que não houve registro de chuvas em grande parte do Ceará, Rio Grande do Norte, oeste da Paraíba e **Alagoas**. Logo, com o uso de “por causa da”, a notícia culpabiliza a seca mais uma vez pelos problemas que a população vem passando. Também vemos aí o oposto da seca, a chuva. Ou seja, os agricultores plantam e, por causa da **falta de** chuvas, sofrem.

Nessa leitura da notícia, é importante frisar que esse texto jornalístico traz uma ideia de seca e de chuva como sendo coisas opostas, quando coloca que o “reconhecimento foi por causa da seca e da falta de chuva nas regiões. Mas se tratando de um clima, uma está atrelada à outra, pois só há a seca porque chove pouco. Além disso, quando enuncia “**dificuldades** enfrentadas pelos agricultores” constrói também uma imagem de pessoas sofridas, construindo sobre as pessoas da região um discurso estereotipado, como visto em Albuquerque Júnior (2011, 2004, 2017), aquele discurso que constrói a imagem da população sertaneja/nordestina como sendo de pessoas pobres, sofridas, tristes – pegando características comuns e as generalizando, esquecendo das diferenças, tendo a seca como a culpada por esse sofrimento. Discursos que, como visto no terceiro capítulo, no tópico *a seca e o perigo de uma história única*, com Albuquerque Junior (2011) e com os exemplos de Adichie, Emicida, e a própria população nordestina, são extremamente perigosos, uma vez que limitam a diversidade de personagens

existentes na região, construindo uma subjetividade, já que as pessoas tendem a incorporar tais informações.

Dessa maneira, o discurso da seca presente nessa notícia, é, portanto, um discurso que culpa a seca pelos problemas que ocorrem na sociedade, problemas muitos sérios, reconhecidos pelo uso da palavra “emergência”. E sendo a seca considerada culpada, é necessário criar medidas para **enfrentá-la**, ficando isso evidente no quarto parágrafo, pois, segundo a notícia, é preciso “...adotar medidas para o **combate** à situação”. Esse é, portanto, um discurso que se assemelha aos discursos criados pela elite nortista para conseguir verbas, discursos de poder, que, segundo Albuquerque Júnior (2011, 2017), foram construídos a partir da seca de 1877-1879, considerada a maior seca da região, causando a morte de metade da população, essa que, como já mencionei, foi o grande mote para que a região passasse a existir, discursos que culpavam a seca pelos problemas da sociedade, apagando as outras mudanças sociais que vinham ocorrendo, como as mudanças nas relações de trabalho da época.

Ao observar as notícias analisadas, pode-se perceber esse mesmo tipo de apagamento/silenciamento, visto que a notícia é apenas um recorte da realidade, e além disso, como argumenta Hernandez (2017), se trata de uma realidade artificialmente criada, filtrada, pois são feitas escolhas do que fará ou não parte da notícia, de modo que o(a) leitor(a), o(a) ouvinte, o(a) telespectador(a) ou internauta perceba aquilo como a própria realidade, e não como uma versão dela.

Vemos isso também no terceiro parágrafo, quando diz: “...com a situação de emergência reconhecida, os municípios podem ter acesso aos programas federais de fornecimento de água tratada, como a Operação Carro-Pipa...”. Vemos que, ao ser “reconhecida”, com o uso de um verbo que está no particípio do passado, indicando função adjetiva, no caso, o fato da situação de emergência ser reconhecida atribui significados de que a seca já estava lá, apenas não tinha sido admitida ainda. Nesse tipo de discurso, percebe-se que são apagadas as possibilidades de criação de outras políticas públicas para a convivência com a seca. Ao rotularem a seca de vilã, tira-se, em grande medida, a responsabilidade dos governantes para a criação de programas de convivência com o semiárido, com o Sertão.

Nessa dimensão, esse discurso está dialogando com outros discursos já vistos anteriormente, tal como em filmes e novelas, por exemplo, nos quais o Nordeste e o(a)s nordestino(a)s, o Sertão e os sertanejos e sertanejas, são construídos de forma estereotipada; o sertão é o lugar seco, sem vida, de pessoas duras, sofridas. Isso pode ser percebido nessa outra notícia também. Vejamos!



MENU G1 ALAGOAS V GAZETA

21/02/2017 15h11 - Atualizado em 21/02/2017 15h19

## Governo de AL decreta emergência por conta da seca em 77 cidades

Informação foi publicada no Diário Oficial do Estado (DOE), nesta terça (21). Em agosto, 40 cidades estavam em emergência; decreto expirou.

Do G1 AL

FACEBOOK TWITTER G+ PINTEREST



Morador mostra plantação com chão seco castigado pela falta de água (Foto: Jonathan Lins/G1)

O Governo do Estado decretou situação de emergência devido à seca para 77 municípios de Alagoas. A informação foi publicada no Diário Oficial do Estado (DOE) desta terça-feira (21), e tem validade por um período de 180 dias.

Em agosto de 2016, o governo havia decretado o **estado de emergência de 40 municípios**, mas como a portaria possuía um vencimento, o decreto expirou na última segunda-feira (20).

Na publicação de hoje, o número de municípios que tiveram a situação de emergência decretada subiu para 77. Eles haviam solicitado o decreto ao governo no último dia 19.

**Figura 09:** Notícia sobre o decreto da situação de emergência em Alagoas pelo governo estadual.  
**Fonte:** G1 TV Gazeta, 2017.

O título dessa notícia é “Governo de AL decreta emergência por conta da seca em 77 cidades”. Nesse texto jornalístico, de 2017, já ocorrem algumas mudanças em relação à notícia publicada em 2016, analisada anteriormente, tais como: o verbo não é mais “**reconhecer**”, e sim “**decretar**”, porque essa notícia não está informando mais sobre a União, o Governo Federal, e sim, como está posto no título, do Governo do Estado, que **decreta**. Ao falar que o governo “**reconhece**” quer dizer que está admitindo como verdadeiro algo que já foi dito anteriormente. Já com o uso de “**decreta**”, nesse contexto, é a decisão legal que a autoridade tomou, ou seja, uma decisão a respeito dos municípios que, segundo a notícia, estão sofrendo devido à seca. Existe, nesse caso, uma relação de hierarquia nas ações de políticas públicas, de dependência, pois o governo no estado “**decreta**” a situação e o Governo Federal “**reconhece**”, para só assim liberar e enviar verbas para a região.

Uma observação é que de 2016 para 2017 houve um aumento em 37 cidades em **estado de emergência**, segundo está informado na notícia, como no terceiro parágrafo, quando a notícia informa que “o número de municípios que tiveram a situação de emergência decretada subiu para 77”. No primeiro parágrafo informa que a “situação de emergência é **devido à seca**”. Aí, vemos o uso do particípio do verbo “dever”, com valor de causa, admitindo a seca como sendo a culpada da situação de emergência.

No quarto parágrafo, é explicado o porquê da situação de emergência, ao afirmar que “os reservatórios de água dos municípios estão comprometidos, prejudicando, por sua vez, o abastecimento de água da população, além da baixa quantidade de chuva nos municípios”. Ao fazer essas afirmações está justificando o porquê o governo enviou recursos para essas cidades, ou seja, as cidades estão no nível 3 referente ao impacto da seca, denominado de seca extrema.

No final desse parágrafo, vemos o uso de “ações emergenciais de **combate à seca**”, expressão na qual o substantivo no plural “ações” é qualificado com “emergenciais”, sintagma que é caracterizado como sendo “de combate”, no sentido enfrentar e acabar com a seca, como se isso fosse possível. Além disso, podemos observar nessa notícia uma imagem, que não é qualquer imagem, mas a de um homem apontando para o chão seco e sem nenhuma plantação, a chamada foto jornalística, que não é escolhida de maneira aleatória, e sim pensada para chamar mais atenção para a situação que a notícia quer construir, confirmando-a. Ou seja, a foto jornalística confirma que os municípios estão sofrendo “devido à seca”.

Com a imagem e o corpo da notícia, esse texto jornalístico segue o mesmo padrão do anterior, repetindo o discurso de “combate à seca”, afirmando que é preciso enfrentá-la, no sentido de que se deve procurar meios para acabar com ela. Mas, como já vimos em Molion (2016) e em Albuquerque Junior (2011) não é possível esse enfrentamento, já que se trata do clima natural da região. Ou seja, os discursos das duas notícias são praticamente o mesmo. Nesses, Alagoas está passando por uma situação crítica de seca, em 40 cidades em 2016 e em 77 cidades em 2017, necessitando, portanto, de verbas para o seu combate.

Podemos então concluir que, de acordo com as notícias, do ano de 2016 para o ano de 2017 houve um aumento de 37 cidades em situação de emergência. Isso pode ter ocorrido devido a alguns fatores, como por exemplo, as chuvas podem ter diminuído; e principalmente, a falta de ações concretas do governo para convívio com esse clima, já que apenas a operação Carro Pipa é insuficiente, pois resolve a situação de falta de água apenas por um curto período, de maneira paliativa. Nesse sentido, questiono, o que o governo poderia fazer para um melhor convívio com esse clima? Quais políticas públicas poderiam ser desenvolvidas? Segundo Molion (2016), uma das maneiras é levar água de outras regiões, através da transposição, de

preferência em um canal fechado para evitar a evaporação, além do investimento em atividades que melhor se adaptem ao clima, ou seja, a agricultura de autorretorno, como já foi discutido anteriormente.

O canal do sertão, construído para levar água do rio São Francisco para a população sertaneja, por exemplo, foi um grande avanço para população, mas ainda não é o suficiente, pois abastece diretamente apenas uma minoria da população, ou seja, aquela que já possui água encanada em suas residências e aquela que se localiza nas proximidades do canal. As comunidades rurais, assim como a que eu moro, que não possuem água encanada, recebem água do canal do sertão somente quando vem um projeto do caminhão pipa. Assim, logo que acaba o contrato deixa de ser abastecida.

Dessa maneira, podemos compreender essa situação como um ciclo vicioso, em que os municípios pedem o decreto, o governo do estado decreta e a união reconhece esse decreto, um ciclo que se repete ano após ano, como no exemplo de 2016 e 2017. No tocante aos decretos, primeira notícia, por exemplo, noticia o reconhecimento da União do dia 28 de setembro, como informado, tendo o governo do Estado decretado a situação de emergência quatro dias antes, no dia 24 de setembro daquele ano. Com relação ao decreto da segunda notícia, publicada no dia 21 de fevereiro de 2017, em que o governo decreta situação de emergência em 77 cidades, houve uma notícia publicada no dia 20 de março daquele ano que informava que a União reconhecia emergência em 67 dessas cidades, como vemos na imagem abaixo.

The image shows a screenshot of a news article from G1 Alagoas. The header includes the G1 logo and 'ALAGOAS V GAZETA'. The article title is 'União reconhece emergência em 67 municípios de AL por causa da seca'. Below the title, it states: 'Portaria foi publicada nesta segunda-feira, no Diário Oficial da União. Destes, 40 estavam com decreto por vencer, mas tiveram renovação.' The article text continues: 'O Governo Federal reconheceu estado de emergência por conta da seca em 67 municípios de Alagoas. A portaria, assinada pelo secretário nacional de Proteção e Defesa Civil, foi publicada no Diário Oficial da União (DOU) desta segunda-feira (20). 40 destes municípios já tinham situação reconhecida por decreto publicado em setembro de 2016. Mas a validade era de 180 dias, e estavam por vencer. Eles deram entrada em nova petição e tiveram emergência reconhecida novamente.' At the bottom, there is a 'saiba mais' section with two sub-headers: 'Famílias enfrentam dificuldades em municípios de AL por conta da seca' and 'Em janeiro e fevereiro deste ano, outros cinco municípios tiveram o estado de emergência reconhecidos. Com o decreto desta segunda, sobe para 72 municípios alagoanos nesta'.

**Figura 10:** Notícia de reconhecimento da situação de emergência em Alagoas, em 2017.

**Fonte:** G1 Globo.

Logo, conclui-se que há uma hierarquia envolvendo esse ciclo, na qual se encontra no topo o governo Federal, logo depois o governo do Estado e, por fim, o governo municipal, sendo esse o ponto de partida, pois os municípios veem nessas ações do governo uma forma de diminuir a escassez de água, pelo menos compreendemos que essa é a visão da população, mas que as vezes acaba sendo a menos beneficiada. Mas, essa é uma discussão que não cabe aqui, no momento.

Essa hierarquia mencionada se confirma pelas notícias que seguem. Nessa próxima notícia, do ano 2018, já há menção a um programa do governo para que a população possa tentar sobreviver na época de pouca chuva. Segue imagem:

ALAGOAS  GAZETA

## Municípios de AL cortados da Operação Pipa vão solicitar retomada do programa por causa da seca

Segundo a AMA, a justificativa para o fim do abastecimento de água por caminhões-pipa nestes municípios foi a "seca fraca", devido às chuvas que caíram no estado recentemente.

Por G1 AL  
10/07/2018 17h26 - Atualizado 10/07/2018 17h26



 Com poucas chuvas, famílias dos municípios afetados pela estiagem dependem de abastecimento por carro-pipa (Foto: Jonathan Lins/G1)

**Figura 11:** notícia sobre retomada do programa operação pipa.  
**Fonte:** G1 Globo, 2018.

Já pelo título “Municípios de AL cortados da Operação Pipa vão solicitar retomada do programa por causa da seca”, percebemos que o enfoque principal nessa notícia já não é mais a situação de emergência, e sim a solicitação pelos municípios do programa Operação Pipa do governo federal, que é motivada “por causa da seca”. O título auxiliar traz a informação que “a justificativa para o fim do abastecimento de água por caminhões-pipa nestes municípios foi a “seca fraca”, devido às chuvas que caíram no estado recentemente”, que na escala de classificação das secas se denomina S0. Percebemos, dessa forma, que com os usos como de “seca fraca” e “devido às chuvas”, a notícia já traz a informação de que o fato de ter chovido nessas regiões fez com que a seca diminuísse. Nessa notícia, podemos inferir o início do ciclo da política pública da Operação Carro-Pipa, que se inicia nos municípios, como informa a notícia: “Municípios de AL cortados da Operação Pipa vão solicitar retomada do programa por causa da seca”. Podemos observar também a foto de um homem em cima de um caminhão Pipa, que parece estar cheio de água, já que na imagem o caminhão está molhado próximo à abertura. Como já discutimos, a fotografia jornalística é inserida de forma pensada, pois nenhuma fotografia é colocada para compor a notícia de maneira aleatória, mas como estratégia política para reafirmar os sentidos produzidos. Nesse caso, o poder do governo perante a população, já que o governo se constrói como o salvador da população, responsável por resolver os problemas.

No ciclo, logo após o governo municipal agir, aparece a atuação do governo estadual, que decreta a situação de emergência para os municípios. A notícia que fala sobre essa atuação pode ser encontrada no site TNH1 TV, no *link* < <http://www.tnh1.com.br/video/vid/governo-assina-decreto-de-emergencia-para-os-municipios-afetados-pela-seca/>>, sendo publicada no dia 02 de agosto de 2018, com duração de 00:54 minutos, intitulada “Governo assina decreto de emergência para os municípios afetados pela seca”. Por último, vemos a atuação do Governo Federal, que reconhece a situação de emergência, para, só então, o programa funcionar. Vejamos a notícia, disponível no em: < <https://ama-al.com.br/governo-federal-reconhece-situacao-de-emergencia-pela-seca/>>, publicada no dia 13 de agosto de 2018, onze dias após a última notícia sobre a ação do Governo do Estado.



**Figura 12:** Notícia sobre emergência pela seca em Alagoas, em 2018.  
**Fonte:** AMA, agosto de 2018.

Ao analisar essas notícias, percebemos que apesar de elas trazerem a seca como algo atual, não o é, pois, assim como discutido no Capítulo 03, a seca faz parte do clima natural da região, por se tratar de um clima semiárido, sendo, nesse caso, histórica. Essa é uma notícia saturada, que apresenta um ciclo que se repete ano após ano. Para essa confirmação, apresento um levantamento de títulos de notícias a partir dos quais podemos inferir esse ciclo vicioso da política pública da Operação Carro-Pipa, programa do Governo Federal. Foram selecionadas notícias de 2009 a 2018, período em que se pode observar um maior número de registro de emergência por conta da seca, principalmente a partir de 2012, que, assim como já mencionei, foram anos de registro de seca prolongada.

<p>2009</p>	<p>2010</p>	<p>2012</p>

<p>15/05/2013 19:32 - Atualizado em 15/05/2013 19:32</p> <h3>Cajueiro, AL, decreta situação de emergência por causa da seca</h3> <p>Reservatórios da região secaram, provocando perdas nas lavouras. Município é o 54º a publicar decreto no Diário Oficial do Estado.</p> <p>Do G1 AL</p> <p>A estiagem no interior de Alagoas fez com que o município de Cajueiro, distante 70 km de Maceió, decretasse situação anormal, caracterizada como de emergência em uma publicação do Diário Oficial do Estado (DOE) desta quarta-feira (15). Com isso já são 54 municípios na mesma situação.</p> <p>saiba mais</p> <p><b>Município de Branquinha decreta emergência por causa da seca</b></p> <p>O texto explica que, em Cajueiro, os reservatórios da região secaram, causando uma diminuição considerável na capacidade de exploração de água, o que provocou perdas nas lavouras.</p>	<p>09/02/2014 19:00 - Atualizado em 09/02/2014 12:47</p> <h3>Seca deixa 37 municípios alagoanos em situação de emergência</h3> <p>Decreto foi publicado no Diário Oficial do Estado desta sexta-feira (3). Parecer técnico que expõe emergência tem validade de 180 dias.</p> <p>Do G1 AL</p> <p>O governo do Estado decretou situação de emergência em 37 municípios alagoanos devido à seca. O decreto, publicado no Diário Oficial do Estado (DOE) desta sexta-feira (3), expõe a necessidade da medida devido à falta de chuva no semeadio alagoano e os impactos decorrentes das perdas na atividade agropecuária da região e diante da ausência do líquido nos reservatórios utilizados para consumo humano.</p>	<p>20/02/2015 10:00 - Atualizado em 20/02/2015 19:05</p> <h3>Prefeito de São Brás declara situação de emergência por causa da seca</h3> <p>Decreto foi publicado no Diário Oficial desta quinta-feira (20). Motivo é a seca que atinge a população.</p> <p>Caroline Sanchez Do G1 AL</p> <p>O prefeito do município de São Brás, Antônio Costa Borges Neto, o Tonho Neto (PSDB), declarou situação de emergência, segundo publicação no Diário Oficial do Estado (DOE) desta quinta-feira (20). O motivo é a seca anormal provocada pela estiagem.</p> <p>saiba mais</p> <p><b>Projeto recupera 50 nascentes em ação contra a seca no Sertão de AL</b></p> <p><b>Fenômeno da desertificação avança em AL e compromete o PIB do estado</b></p> <p>Não documento, o prefeito relata que a seca traz danos sérios à vida da população, que está com dificuldade no abastecimento de água. O texto diz que a economia do município é, predominantemente, agropecuarista.</p>
2013	2014	2015
<p>28/09/2016 19:00 - Atualizado em 28/09/2016 12:13</p> <h3>União reconhece situação de emergência em 40 municípios de AL</h3> <p>Situação de emergência foi publicada no DOU desta quarta-feira (28). Reconhecimento foi por causa da seca e da falta de chuva nas regiões.</p> <p>Do G1 AL</p> <p>O governo Federal reconheceu situação de emergência em 40 municípios do estado de Alagoas. A informação foi divulgada, nesta quarta-feira (28), através de uma portaria no Diário Oficial da União (DOU). Segundo a publicação, a situação foi decretada devido à seca nas</p>	<p>09/03/2017 19:00 - Atualizado em 09/03/2017 19:00</p> <h3>União reconhece emergência em 67 municípios de AL por causa da seca</h3> <p>Portaria foi publicada nesta segunda-feira, no Diário Oficial da União. Destes, 40 estavam com decreto por vencer, mas tiveram renovação.</p> <p>Do G1 AL</p> <p>O Governo Federal reconheceu estado de emergência por conta da seca em 67 municípios de</p>	<p>13 de agosto de 2018</p> <h3>Governo Federal reconhece situação de emergência pela seca</h3> <p>O Diário Oficial da União publicou, nesta segunda-feira (13), o reconhecimento da situação de emergência em municípios que estão sofrendo com a estiagem.</p> <p>Os municípios foram: Água Branca, Anapicuma, Batatalha, Bela Monte, Cachimbinhas, Canaã, Carneiros, Córrego Craibas, Delmiro Gouveia, Dois Riachos, Estrela de Alagoas, Graú do Ponciano, Igaci, Inhapê, Jacaré dos Bois, Jaramatã, Lagoa da Canoa, Major Isidoro, Maravilha, Mata Grande, Minaçor do Nazário, Monteópolis, Olho D'Água das Flores, Olho D'Água do Casado, Olivença, Ouro Branco, Palestina, Palmeira dos Índios, Pão de Açúcar, Piranhas, Poço das Trincheiras, Quebrangulo, Santana do Ipanema, São José da Tapera, Senador Palmeira e Trapiá.</p> <p>Com o reconhecimento, a Operação Carro Pipa do Exército, que havia sido suspensa, voltará a funcionar novamente. Além dessa renovação, o Governador Renan Filho comunicou ao presidente da ANA, Helio,</p>
2016	2017	2018

Figura 13: Quadro de notícias sobre a seca em Alagoas, de 2009 a 2018.

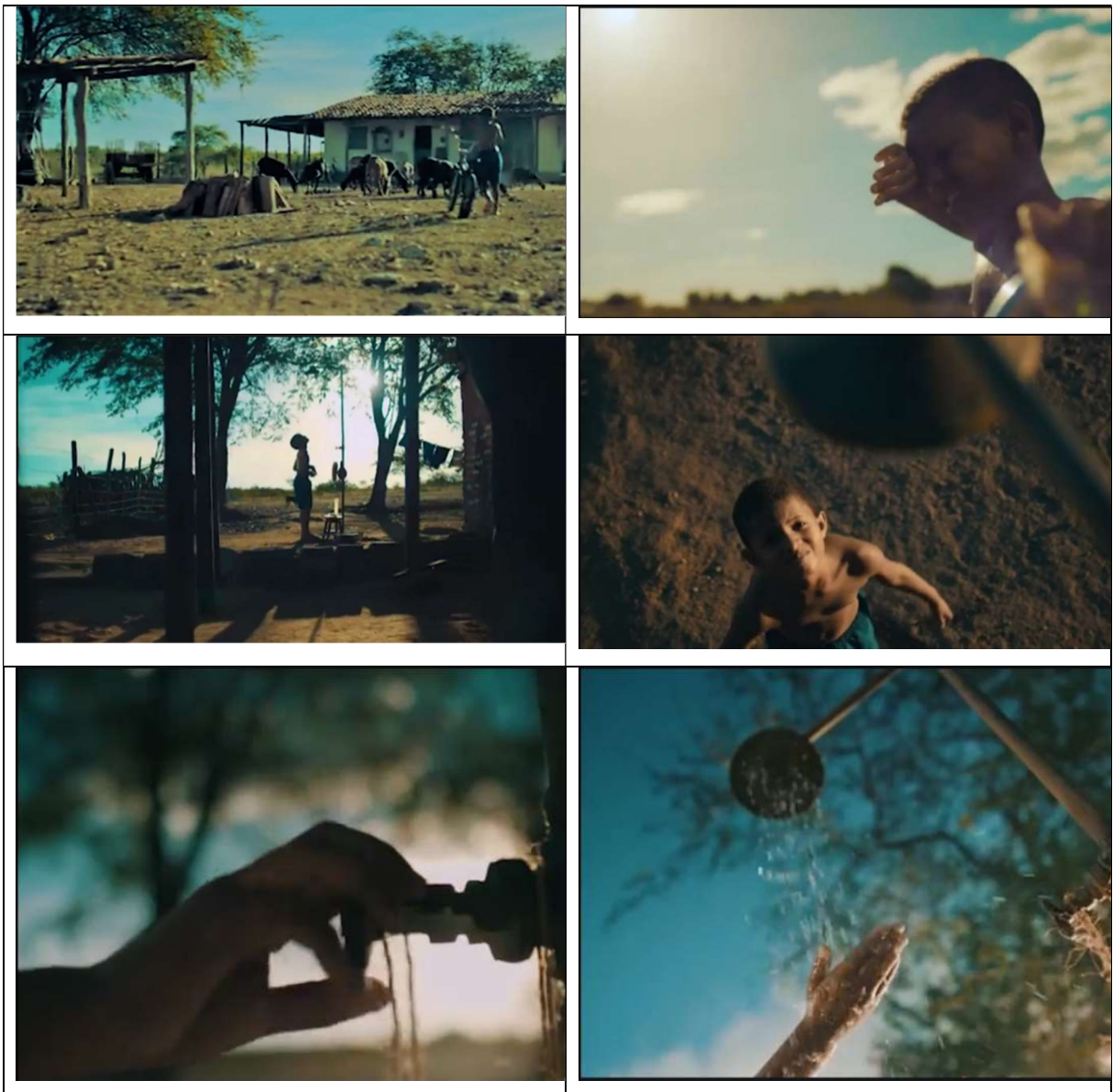
Conforme as notícias, podemos compreender que a notícia sobre a seca em Alagoas se dá em uma cadeia discursiva, reafirmando a ideia de seca como sendo a culpada dos problemas da população, tendo os governos municipal, estadual e federal como salvadores da situação (de emergência). Sobre essa questão de políticas públicas, Oliveira (2016) diz que,

Nos dias de hoje ainda encontramos discursos que circulam em muitas esferas da atividade humana, presentes sobretudo na esfera política, pois como o dever do governo é garantir a organização da sociedade e o bem-estar do povo, tais sujeitos buscam se construir como sujeitos compromissados com as sociedades em que estes são responsáveis em exercer o seu governo. Assim, tais sujeitos se constroem e se marcam para si e para o outro como preocupados e compromissados com o próximo, ou seja, o “outro” do discurso, que nesse caso, trata-se dos eleitores. No entanto, estes discursos são estratégias, são tentativas de produção de sentido, em que os sujeitos buscam por meio das escolhas linguísticas alcançar determinados efeitos de sentido (OLIVEIRA, 2016, p. 26).

A notícia, então, ajuda os governos a se construírem como os salvadores dos alagoanos, dos sertanejos alagoanos, construindo-se, assim como diz Oliveira (2016), como sujeitos compromissados com o povo, salvando-o daquela situação de necessidade, nesse caso referente a falta de água. Mas, esse tipo de discurso sobre a seca pode ser percebido não apenas no gênero

notícia, efetivando-se também em outros gêneros, como demonstra Oliveira (2016), ao analisar os discursos referente a seca presente no gênero *outdoor*.

Um outro exemplo que pode ser destacado é a propaganda do governo estadual nesse ano de 2018, ano de eleição para o governo estadual, publicada pelo Governo de Alagoas, em 28 de junho, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ec-HK0ZvDD0>>, com meu acesso em 29 de junho de 2018. Segue quadro de imagens!







**Figura 14:** Quadro com fotos de propaganda do governo sobre políticas públicas para o sertão em 28 de junho 2018.

**Fonte:** *Youtuber*, junho de 2018. (Governo de Alagoas)

Essa propaganda fala das ações que o governo do estado de Alagoas está desenvolvendo, mais especificamente as ações que desenvolve para levar água até à população. Logo de início, pela imagem que a propaganda apresenta, podemos inferir que ela não foge da (re)produção dos estereótipos do Sertão/ Nordeste/Semiárido, questão aqui discutida no Capítulo 03, com Albuquerque Jr. (2011, 2017). Mostra imagens de um lugar deserto, sem desenvolvimento, de pessoas simples, sofridas, ficando isso evidente na figura do menino que chega em casa cansado e suado à procura de água. Dessa forma, a propaganda apaga toda uma diversidade de povos que habita essa região. Além disso, no final do vídeo, vemos a fala: “mais do que obras, o governo está levando água e dignidade para o sertão alagoano”. Essa é uma fala usada para persuadir a população, usada apenas para a manutenção do poder político.

Deste modo, tanto as notícias analisadas como essa propaganda apresentam ações que visam combater a seca, esquecendo que a seca é histórica e que necessita de ações que visem a convivência com ela. Assim, através dessa análise, é possível compreender que o sertão, enquanto região, assim como afirma Albuquerque Junior (2011; 2017), não é uma região já dada, e sim compreendida como uma identidade espacial, construída em um determinado momento histórico, sendo construído através dos discursos e das relações de poder existentes nessa região e sobre essa região, discursos tido como definidores de seu caráter e de seu povo. Assim, segundo o historiador, a região, nesse caso o sertão, é um “solo movente, pântano que se mexe com a história e faz mexer, que traga e é tragado pela historicidade” (ALBUQUERQUE JN. 2011). Na construção desse solo movente que é o sertão está a seca.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, intitulado A notícia jornalística on-line da “situação de emergência” provocada pela seca em alagoas: realidade criada e aspectos silenciados, teve como objetivo fazer uma análise do discurso sobre a seca presente em notícias de jornais, procurando interpretar o que a notícia diz e como diz sobre a seca. Assim, diante do que foi analisado, é possível afirmar que o que diz ser um discursos de **convivência** com a seca é na verdade discursos de **enfrentamento** dessa.

Para se chegar a essa compreensão, definiram-se alguns objetivos específicos. Inicialmente, foram realizados estudos acerca dos conceitos e procedimentos referentes à “etnolinguística da fala viva”, compreendendo que a língua(gem) se dá no processo enunciativo-discursivo, processo em que os sujeitos estão situados em determinada época e espaço. Sendo assim, dependendo do contexto, os usos linguísticos vão se diferenciar, assim também como a forma pela qual as pessoas enxergam o mundo. Essa compreensão foi de suma importância para a análise, já que as escolhas linguísticas e semióticas são pensadas para atender a determinado efeito, que sempre está imbricado a uma posição ideológica.

Nesse sentido, o estudo da compreensão bakhtiniana de “esferas de comunicação” e de “gêneros discursivos” foi relevante, pois compreendemos que a comunicação sempre se dá através de um gênero discursivo, que possui função e características próprias. Assim, conhecer as características do gênero notícia ajudou na elaboração da análise, compreendendo que esse gênero discursivo jornalístico faz parte da esfera midiática, existindo um contrato que estabelece a relação entre o jornal e seu público, sendo o público coautor da notícia. Além disso, compreendemos que a notícia nunca mostra “a realidade”, mas, constrói “uma realidade”.

Para analisar o discurso da seca nas notícias, foi essencial fazer um estudo do tratamento discursivo dado à seca e às questões políticas implicadas, para compreender se a seca realmente existe ou é um mito. Com esse estudo, foi possível compreender que a seca não é algo do momento e sim histórica, se tratando do clima natural da região, estando diretamente relacionada com a invenção da região Nordeste e de sua população, sendo construídos através de discursos de poder, devido às mudanças nas relações e trabalho da época, pois exatamente quando ocorriam essas mudanças sociais, ocorreu, também, a grande seca de 1877-1879, passando, portanto, a ser vista como a culpada de todo o sofrimento da população.

O que podemos perceber com a análise dessas das notícias é que, apesar de uma serem de anos diferentes, em todas elas é percebido o mesmo discurso, aquele que coloca a seca como culpada dos problemas, precisando essa ser enfrentada, combatida, e não um discurso de

convivência, como na expressão “adotar medidas para combater a seca”. Além disso, há um diálogo entre as notícias, não apenas no fato de tratarem da seca, mas também na forma como a tratam. As notícias falam de decreto de emergência, ou seja, da política pública do Carro Pipa, em que o governo Federal libera verbas para os municípios. A partir da análise das notícias percebe-se que quando um decreto espira, como informa a notícia do ano de 2017, formulam outro discurso para conseguirem mais verbas. Isso acontece porque, se tratando de um enunciado, como vimos, esse não vai surgir do nada, e sim através de enunciados anteriores, refutando-o ou reafirmando-o.

Dessa forma, o que se pode interpretar nas notícias analisadas é que, em todas, a seca é caracterizada como sendo a culpada dos problemas referentes ao clima semiárido vividos pela população. Na primeira notícia, aparece usos como: “prejuízos com a seca”. “Nordeste sofre com a seca”. Na segunda, temos: “a situação foi decretada **devido à** seca nas regiões”, “por causa da seca”. Na terceira, aparece novamente “devido à seca”. Enfim, é um ciclo vicioso, envolvendo o Governo Municipal, o Governo Estadual e por último o Governo Federal, no qual o que está em jogo é possivelmente a manutenção do poder político, ou de políticos.

Portanto, trata-se de um discurso político que não compreende a seca como sendo um fenômeno natural da região, já que se trata de uma região semiárida, em que ocorre um *déficit hídrico*, sendo, portanto, um clima que necessita de políticas públicas para se conviver com ele. Mas, sim, um discurso de enfrentamento. Isso ocorre porque são discursos de poder, que visam o lucro, construindo, assim, significados acerca da seca e deixando de lado o histórico da mesma.

Cabe aqui ressaltar a importância desse estudo, pois além de possibilitar um novo olhar para a territorialidade, passamos a perceber que através da língua(em) é que se constrói o mundo e que cada escolha está embrida a um contexto específico. É importante também, pois, como futuros profissionais na área da educação, possibilita ir além de só estudar conceitos da teoria, possibilitando a prática da pesquisa, refletindo, assim, sobre os objetos empíricos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única 19 min 26seg.. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLR1ZWtEY> acesso em 16 de mar. de 2018.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Munis de. A poesia do sol: o discurso popular sobre a seca. In: SILVA, Gian Carlos de Melo; GOMES, Gustavo Manoel da Silva (Org). Memória, história e cordel em Alagoas: teorias, práticas e experiências. Maceió. EDUFAL, 2004.
- \_\_\_\_\_. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- \_\_\_\_\_. é preciso dissolver esse Nordeste! (entrevista). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=t\\_Z\\_e-EK19Y](https://www.youtube.com/watch?v=t_Z_e-EK19Y) Acesso em 22 de março de 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- \_\_\_\_\_. (VOLOCHÍNOV). Língua, fala e enunciação. In.: \_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 13 ed. Hucitec Editora: São Paulo, 2012. p. 93-113.
- BAZERMAN, Charles. Enunciados e seus significados. In.: \_\_\_\_\_. **Teoria da ação letrada**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 163-180.
- BENASSI, Maria Virginia Brevilheri. O gênero “notícia”: uma proposta de análise e intervenção. In: CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 1791-1799.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Postulados do paradigma positivista. In.: \_\_\_\_\_. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Ediorial, 2008. p. 13-18.
- \_\_\_\_\_. Postulados do paradigma interpretativista. In.: \_\_\_\_\_. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Ediorial, 2008 (p. 31-40)
- BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In.: \_\_\_\_\_. **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. 2 ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005. p. 87-98.
- \_\_\_\_\_. O texto nas reflexões de Bakhtin e do círculo. In.: BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola, 2016. p. 13-30.
- CAMPOS, José Nilson B. Secas e políticas públicas no semiárido: ideias, pensadores e períodos. **Estud. av.** vol.28 no.82. São Paulo, 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142014000300005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142014000300005). Acesso em: 25 de mar. de 2018.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In.: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma linguística Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- GAZETA Web. **Mais 69 municípios brasileiros decretam situação de emergência**. Disponível em: <http://gazetaweb.globo.com/portal/noticia-old.php?c=194766&e=17>. Acesso em 20 de abr. de 2018.

GAZETA Web. **Mais 69 municípios brasileiros decretam situação de emergência.** Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/portal/noticia-old.php?c=191088&e=14>>. Acesso em 20 de abr. de 2018.

G1. **Seca deixa 37 municípios alagoanos em situação de emergência.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2014/01/seca-deixa-37-municipios-alagoanos-em-situacao-de-emergencia.html>>. Acesso em 20 de abr. de 2018.

G1. **Cajueiro, AL, decreta situação de emergência por causa da seca.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/05/cajueiro-al-decreta-situacao-de-emergencia-por-causa-da-seca.html>>. Acesso em 20 de abr. de 2018.

G1. **Prefeito de São Brás declara situação de emergência por causa da seca.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2015/10/prefeito-de-sao-bras-declara-situacao-de-emergencia-por-causa-da-seca.html>>. Acesso em 20 de abr. de 2018.

GERALDI, João Wanderley. Ancoragens: estudos bakhtinianos. In: **Pesquisa em linguagem na contemporaneidade**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010. P.51-63.

Hernandes, Niltom. **A mídia e seus truques: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2017.

JORDÃO, Clarissa Menezes. **A linguística Aplicada no Brasil: rumos e passagens**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. P.09-10.

KLEIMAN, Angela B. Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: problematizações. In.: **Linguística aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 39-58.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Afinal, o que é linguística aplicada? In.: \_\_\_\_\_. **Oficina de linguística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. Campinas: Mercado de Letras, 1996. p. 17-25. (Coleção letramento, educação e sociedade).

\_\_\_\_\_. **Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar**. 2010 (p.11-24) Disponível em: <<https://ufscdeutsch2010.files.wordpress.com/2010/10/nps156.pdf>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2018.

\_\_\_\_\_ (Baynham). **Meaning maliling in periphery**. 2017

\_\_\_\_\_. Contemporaneidade e construção de conhecimentos na área de estudos linguísticos. In: **SCRIPITA**, Belo Horizonte, v.7. n. 14, p. 159-171. 1º sem. 2004.

\_\_\_\_\_. **Linguística Aplicada como lugar de construir verdades contingentes: sexualidades, ética e política**. **Niterói**, n. 27, p. 33-50, 2. sem. 2009.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução**. D.E.L.T.A., Vol. 10, N°2, 1994, p.329-338.

\_\_\_\_\_. **Uma linguística aplicada mestiça e ideológica; interrogando o campo como linguista aplicado**. In.: \_\_\_\_\_. (org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 13-27.

MACHADO, Ricardo. **O desconhecimento da caatinga e o mito da seca**. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. N. 500, ano XVII, 2017.

MAGALHÃES, Antônio Rocha. Vida e seca no Brasil. In.: DENYS, E.; ENGLE, N. L.; MAGALHÃES, A. R. **Secas no Brasil: política e gestão proativas**. Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, Banco Mundial: Brasília, 2016. p. 19-37.

MOLION, Luiz Carlos. A seca em Alagoas. Disponível em < [https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=611&v=gfP-UQ8ie\\_s](https://www.youtube.com/watch?time_continue=611&v=gfP-UQ8ie_s) >. Acesso em: 17 de novembro de 2017.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: **repensar a reforma, reforma o pensamento**. In: Interpoli-transdisciplinaridade.- 8º ed.- Rio de Janeiro:Bertrand Brasil,2003. (105-116)

MUSSALIM, Fernanda. A operacionalidade da teoria saussuriana do valor. In: **Linguística I**. Curitiba: IESDE BRASIL S. A. 2008. P.49-57.

\_\_\_\_\_. Os estudos da linguagem e a construção do campo da linguística. In: **Linguística I**. Curitiba: IESDE BRASIL S. A. 2008. P.17-24.

\_\_\_\_\_. Ferdinand de Saussure e a fundação da linguística sincrônica.In: **Linguística I**. Curitiba. IESDE BRASIL S. A. 2008. P.39-46.

OLIVEIRA, Cristiana Soares de. Sertão em outdoor: **discurso político e relações de poder**. Delmiro Gouveia, 2016. P.22-34.

PASSADOR, Cláudia Souza; PASSADOR, João Luiz; ARRAES, Andréa Moreira Duarte; ARRAES, Helder Feitosa Libório. **Políticas públicas de combate a seca no Brasil e a utilização das cisternas nas condições de vida de famílias na região do Baixo Salitre (JuazeiroBA): Uma Dádiva De Deus?**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/APS-C1521.pdf>>. Acesso em: 20 de Nov. de 2017.

PORTAL Sinal Verde. **Inclusão no mapa do semiárido beneficia municípios maranhenses com acesso a recursos federais**. Disponível em: < <http://portalsinalverde.com/noticia/22671-inclusao-no-mapa-do-semiarido-beneficia-municipios-maranhenses-com-acesso-a-recursos-federais> >. Acesso em

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética. In: **A linguística aplicada e a necessidade de uma nova abordagem**. São Paulo: Parábola Editorial,2003. P.77-80.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline P. Os gêneros integram práticas sociais situadas. In.: \_\_\_\_\_ **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 53-83.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. A crítica ao estruturalismo e ao formalismo, a enunciação concreta: Bakhtin/Volochinov. In.: \_\_\_\_\_ **Fundamentos da Linguística II**. Maceió, 2012. p. 40-54.

\_\_\_\_\_. **Do Dialogismo Bakhtiniano: interdiscurso e intertextualidade**. In: O que é uma leitura enunciativo-discursiva?. Arapiraca: UNEAL, 2012. P.32-38.

\_\_\_\_\_. Mais um pouco de Saussure. In: \_\_\_\_\_. **Fundamentos da linguística II**. Maceió, 2012. p. 06-17.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In.: Revista crítica de ciências sociais, 63, Outubro 2002: 237-280. Disponível em:

<[http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia\\_das\\_ausencias\\_RCCS63.PDF](http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia_das_ausencias_RCCS63.PDF)>. Acesso em: 01 de abril de 2018.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SIGNORINI, Inês. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em linguística aplicada. In.: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda (orgs.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**: questões e perspectivas. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998. p. 99-110.

SANTOMAURO, Beatriz; PORTILHO, Gabriela. **Como foi estabelecida a divisão dos estados brasileiros?**. Disponível em:< <https://novaescola.org.br/conteudo/201/como-foi-estabelecida-a-divisao-dos-estados-brasileiros>>. Acessado em 20 de abril de 2018.